

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora

Localização: Projeto "História da UFJF" (SALA CIII-12)

Código de Referência: Entre01

Entrevista Nº.: 01

Tipo de Arquivamento: Áudio, Vídeo e impresso

Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()

História Oral Temática: (X)

Tradição Oral: ()

Linha de pesquisa: Memória da UFJF

Projeto de pesquisa: História da UFJF

Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)

Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)

Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Marcos Olender

Data de Nascimento:

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Nacionalidade: Brasileiro

Sexo: (x) M () F

Estado Civil: Casado

Demais informações/dados para contato:

Atuação profissional

Formação: Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia

Cargo/função: Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Trajétoria profissional: Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2007).

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:32] Fala das formalidades acadêmicas, formatura, criação da formatura unificada, gestões anteriores na reitoria.

[11:01] Fala quando foi coordenador do curso de Arquitetura e como venceram as dificuldades do curso, como a construção de salas e a utilização do galpão.

[18:17] A estrutura da universidade, o diálogo entre os cursos.

[23:39] O desenvolvimento do curso de Arquitetura, a questão da tecnologia no curso.

[33:47] Metodologia de ensino

[48:02] O melhor momento da faculdade, desenvolvimento de pesquisas, do projeto de extensão.

[53:05] Experiência com um projeto de extensão do curso de Arquitetura.

[01:03:03] Relação universidade/cidade e universidade/comunidade.

[01:12:25] Opinião sobre o Reúne.

[01:31:27] Opinião sobre a relação da ciência com a sociedade e do professor com a sociedade.

Palavras-Chave: Marcos Olender, Arquitetura, História, patrimônio.

Resumo:

A segunda parte da entrevista do Olender retoma a sua trajetória na universidade. Se destacando assuntos como o crescimento da universidade, a pesquisa e os projetos de extensão na UFJF.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 06/04/2013

Local: Sala do LAPA – C-III-13

Duração: 01 hora, 39 minuto e 47 segundos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 01 hora, 01 minuto e 39 segundos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 01

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Morais

Entrevistador: Eduardo Morais

Cinegrafista: Carolina Martins Saporetti

Auxiliar (s) Técnico: não houve

Responsável pela transcrição: Carolina Martins Saporetti

Data da transcrição:

Início: 03/06/2014 **Conclusão:** 17/07/2014

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição:

Responsável pela edição de texto (se houver):

Especificações da edição de texto (se realizada):

Data de assinatura do termo de autorização: 06/04/2013

Data da liberação:

Qtde. de páginas transcritas: 33

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: A entrevista com Marcos Olender foi realizada em dois dias. Essa transcrição é relativa ao segundo dia da entrevista.

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)

Transcrição da Entrevista:

(vozes no fundo)

(som de estar ligando a câmera)

[00:13] Eduardo: Então Olender, retornando a nossa entrevista eu queria perguntar pra você como eram as formalidades institucionais e acadêmicas quando você entrou nos quadros da universidade? É formatura, grade curricular, as calouradas...

[00:32] Marcos Olender: É... as formaturas não eram... a Margarida iniciou se eu não me engano foi a Margarida com as formaturas conjuntas né. Antes você tinha as formaturas individualizadas. Pelo menos que eu me lembre, né. Eu confe... Eu me lembro muito mais das formaturas da Arquitetura, por exemplo, que logo que eu entrei e um ano e pouco depois, eu assumi a coordenação da Arquitetura, eu participei de várias, de umas quatro, cinco, se eu não me engano...

[00:58] Eduardo: Isso foi quando?

[00:59] Marcos Olender: Foi em... quando eu entrei foi em 1992 como substituto, né, fiz o concurso em 92 e como efetivo em início de 93.

[01:17] Eduardo: É... as semanas curso de da Arquitetura como é que elas eram? Eram mobilizadas pelos estudantes?

[01:22] Marcos Olender: Não. Eu entrei, quando entrei é... eu entrei pra dar aula pra Arquitetura, né, de disciplina da área de História. E... antigamente você tinha os colegiados que eram formados pelos representantes do departamento, que davam aula para aquele curso, né. Então os colegiados tinham força, né. Os colegiados era, eram uma instância efetiva de de de decisões, deliberações. E aí inclusive como eu entrei no curso de Arquitetura estava se formando tinha um ou dois períodos só de existência. É... na verdade acho que um. Quando eu entrei, na verdade quando eu entrei, ele tinha um período ou estava começando acontecer, porque eu entrei não fui dar aula direto pra Arquitetura, e fui dar aula no semestre seguinte, tanto que faltava professor, tinham disciplinas que não haviam sido oferecidas em carga por causa disso, né. A carga, o funciograma não era cumprido que estava no projeto original. É... eu entrei já como professor lá, e como professor da disciplina de lá, acabei entrando já para o colegiado de curso, né. Fiz do colegiado de curso e era um dos dois únicos arquitetos do colegiado de curso, o outro era um professor da Engenharia que era o Paulo Barbosa. E a situação da Arquitetura era gravíssima, porque você tinha um coordenador que era arquiteto que dava aula na Engenharia Lupércio e que tava pra se aposentar e na verdade eu entendo e já entendia na época e continuo achando isso, né, ele só entrou pra coordenador do curso, porque o... quando você se aposenta, né, se você é coordenador do curso, você se aposenta com a gratificação também, que era incorporada no salário. Então, eu acho que só entrou pra isso, porque logo depois que ele assumiu a coordenação ele entrou com licença médica e foi de licença até se aposentar, ou seja, um picareta, um... eu posso falar isso com todas as letras, porque ele é um dos principais responsáveis pela situação que o curso se encontrava, no início da formação do curso. E tinha como vice um professor do então curso de desenho técnico do ICE, o professor José Vagner Ambrósio, que era alguém muito voluntarioso e tal, mas que

realmente desconectado com a realidade do curso de Arquitetura. Muito esforçado, ou seja, ele pegou um abacaxi, uma pessoa que num tava antenada com aquilo e aí foi um desastre, porque... e aí eu tiro muito a responsabilidade dele, porque na verdade ele assume uma vice coordenação de curso e acaba sendo coordenador do dia pra noite, né. E um cara muito bem intencionado, esforçado, mas realmente que tinha limitações acadêmicas em relação ao curso. Pra se ter uma idéia, era uma pessoa tão preocupada que depois que ele se aposenta, não, antes de se aposentar, ele enquanto professor ainda, faz vestibular e vai ser aluno do curso de Arquitetura pra ver como é um figura.

[04:29] Eduardo: Humhum, pra levantar o interesse...

[04:30] Marcos Olender: Pra levantar o interesse. Acaba não con, conseguindo completar o curso, concluir aqui e tava concluindo no CES. E ele hoje é um arquiteto formado e depois de aposentado ele concluiu no CES. Foi aluno inclusive da minha esposa lá. É... mas era um cara despreparado pra aquela situação, né, uma situação nova em que ele não estava preparado. E com isso né, como ele não conseguia dar conta do recado, como ele não conseguia ter interlocução nem política com, num era nem da engenharia também, era do ICE, é, acaba que o curso começa a faltar, começa a não ter professor, a não ter espaço físico, né, a inclusive a aquisição de material, de pranchetas, mas não há lugar pra colocar as pranchetas. E aí nessa época, os alunos do curso fazem uma greve junto com o pessoal da Psicologia, que era um curso também novo, né, que tava vivendo um drama muito parecido, né. E aí o curso de Psicologia faz greve e o curso de Arquitetura faz greve também, os alunos do curso. Dentro dessa greve que dura mais de um mês, não sei se foi dois meses, eu já era professor e era o arquiteto, tinha uma interlocução com os alunos, se a... arrancou um compromisso do do José Wagner, de que uma das coisas que fariam sair da greve é que ia haver uma eleição para coordenação. Porque na verdade o coordenador havia colocado ali pelo reitor né, era um curso de formação ele tinha aluno, que ia haver um... é claro que o colegiado decidia a partir de então, né, quem era o coordenador, quem ia a eleição, mas com um compromisso que haveria uma consulta aos alunos. É o regimento dizia que quem deliberava era o colegiado, mas aí o colegiado entendeu que não, tudo bem, vamos consultar os alunos. E nesse processo eu me lanço como candidato a coordenador, né, como o primeiro coordenador que participa de uma eleição do curso. E...fui eleito coordenador do curso tendo uma vice que era também arquiteto, que foi o que passou no primeiro concurso que teve na Engenharia efetivo para o curso de Arquitetura. Ainda não existia o departamento de Arquitetura, era um departamento de construção civil, na construção civil que era o Hélio Novaque, que então assume a minha vice, a vice coordenação. E a gente é eleito se eu não me engano na consulta 90% dos votos, noventa e tantos por centos dos votos dos nossos alunos,cerca de 90% que votaram na consulta, votaram na chapa da gente. Acaba sendo uma chapa única, né, mas a gente fez um debate, fez um compromisso no debate também, que se a maioria dos alunos votantes não votassem na gente, a gente não assumiria a coordenação. E aí com isso, finalmente você tem um coordenador a simpatia do colegiado que foi no caso ali também com referendo no colegiado e dos alunos também pra colocar mão na obra, não era da Engenharia, do ICHL, na época, mas tinha esse compromisso. E aí na, na nossa gestão, né, na gestão que eu coordenei conseguimos né, sete professores novos pro curso de Arquitetura, na época não era época de REÚNE não, e que conseguir vaga nova era complicado. Era época de, se não me engano Fernando Henrique ainda, né, ou seja, penúria, penúria, né. Mas aí tinham essas vagas, pra

abertura dos cursos e tal, e na verdade não era pra abertura dos cursos, eram vagas de aposentados, eram vagas que foram remanejadas, porque na época os aposentados iam pra um bolsão, um cestão. Dessas vagas a gente conseguiu arrancar, a Psicologia conseguiu três ou quatro, e nós conseguimos sete vagas pra... aí não, nessa época das vagas, já era na transição, não era Fernando Henrique, mas quem era reitor e vice aqui já era o René e o Crivellare, o René como reitor e o Crivellare como vice, nesse primeiro momento. Na metade da minha coordenação eles assumiram, se eu não me engano. Eu acho que eu assumi a coordenação antes deles assumirem a reitoria. Mas na metade, teve uma negociação direta com o reitor e era com o René e com o Crivellare. E... foi difícil, mas a gente conseguiu. A gente teve reunião com diretores de outras unidades convocando a gente, colocando a gente na parede. "Porque vocês querem sete professores?" A gente lá com todo diagnóstico e tal, né. Eu lembro disso até hoje. Eu tive uma reunião com o Paulão, vocês lembram do Paulão? Foi vice da Margarida, foi vice reitor na época da Margarida. Paulão da Educação Física. Paulão você lembra, vocês pegaram a Margarida aqui?

[09:08] Eduardo: Não, a gente pegou o Henrique.

[09:09] Marcos Olender: Ah, não, vocês pegaram o Henrique. Paulão hoje meu vizinho de porta, amigo meu, na época já era, já conhecia assim aqui. Mas o Paulão me convidava, me convocava, me convidava pra uma reunião. "Vem aqui na Educação Física." Ele era diretor da Educação Física nessa época, não era vice reitor, quando eu chego lá com todos os diretores, isso só eu e Hélio, só eu, aí eu falei com Hélio pra ir comigo sabendo... "vamos discutir essa questão das vagas? Vamos." Aí eu falei: "Hélio prepara aí, vamos mapear toda necessidade, o fluxograma do curso até o final, até o último período todas as disciplinas que vão entrar em carga", né, e o Hélio ficou a frente disso, e eu mais com a articulação política e ele nessa... chegamos lá estavam todos praticamente, todos os diretores, não, não era uma reunião com o Paulão, era com todos pra pressionar pra colocar a gente na Berlinda pra pressionar pra gente liberar vaga pra outra unidade e a gente manteve firme e conseguiu as sete vagas. Com isso criamos o Departamento de Arquitetura. Porque no departamento você tem que ter no mínimo treze professores, não sei agora mas na época tinha que ter no mínimo treze professores. Com essas sete vagas, uma foi para o Desenho, pra atender a Arquitetura, outra foi não sei se pra Estrutura, eram sete vagas, mas pra atender o curso e cinco foram, cinco não, quatro, seis. Na verdade eu acho que uma foi pra Desenho, eu acho que era, é, e seis pro Departamento de Arquitetura, já tinha um professor que era pro Departamento que era o Hélio, que tinha entrado na Construção Civil e que estava esperando a criação do Departamento, aí com, teve sete professores, foi criado o Departamento, depois o Gustavo passou em outra vaga na Estrutura e vem pro departamento também para o Gustavo lhe dar. Que era o segundo do concurso também, mas eu to falando tudo isso porque? Porque é... porque que eu to falando isso tudo? Você perguntou do?

[10:59] Eduardo: Era questões institucionais, mesmo...

[11:01] Marcos Olender: Institucionais... então era uma época mais complicada e aí a gente criou o Departamento de Arquitetura, né e foi minha época na coordenação de curso. Conseguimos sala de aula, montamos as pranchetas...

[11:12] Eduardo: Já era naquele galpão?

[11:13] Marcos Olender: Não, o galpão já vem, é posterior. O galpão, aquele galpão era ocupada por alguns laboratórios de alguma Engenharia, um almoxarifado, alguma coisa. A sala de aula da gente que foi a primeira que a gente conseguiu foi uma sala que o pessoal chamava de aquário. Você conhece lá na Engenharia?

[11:27] Eduardo: Conheço.

[11:28] Marcos Olender: Hoje uma sala que conhece o professor Alvarenga? Que tem um núcleo de pesquisa, logo você tem saindo da cantina, aquele corredor você tem a sala da coordenação da Engenharia de Produção. Aquela sala foi a primeira, foi a coordenação de Arquitetura. Quando eu era coordenador eu consegui aquela sala, aquela sala era minha sala, saiu de lá pra ir pro galpão. Só saiu de lá na época do galpão, mas a coordenação de Arquitetura era onde hoje funciona a coordenação da Engenharia de Produção.

[11:58] Eduardo: E as turmas ali? E as salas ali?

[11:59] Marcos Olender: E aquela sala que ta do lado aqui foi o primeiro ateliê montado, um ateliê enorme, você pode ver, olhar l, hoje ta cheio de divisórias.

[12:05] Eduardo: Cheia de divisórias.

[12:06] Marcos Olender: É, mas é uma sala com mais de 50m² uma sala enorme que tinha janelas isoladas, que tem janelas isoladas. Então como todo mundo via o ateliê, o pessoal falava que era o aquário, que os alunos ficavam lá era o aquário. E a gente colocou as pranchetas lá foi o primeiro ateliê da Arquitetura, né. E a gente montou aquele ateliê, mais duas salas, que a gente teve um apoio enorme nesta época do então diretor da faculdade de Engenharia que era o Júlio Portela. Você chegou a conhecer? Ele morreu super novo de leucemia. Morreu há alguns anos atrás, uma figura fantástica e uma coisa que eu gosto de lembrar também, eu entrei como coordenador e já estava com um ano e meio de curso se eu não me engano. A gente conseguiu com isso também cumprir todo o fluxograma botar todos os alunos. É...

[12:50] Eduardo: Quantos alunos?

[12:52] Marcos Olender: Entraram 25 alunos por semestre, por semestre.

[12:55] Eduardo: Já era semestre?

[12:56] Marcos Olender: Já era semestre. E... a gente conseguiu fazer turmas maiores pra cumprir né, porque parece que o pessoal não havia tido no primeiro período aí teve que fazer depois, ou botar duas turmas. No começo é... foi uma loucura, era aula, tinha aula que era até, o cara entrava oito da manhã saia uma, duas, comia hora de almoço. O pessoal vinha, eu me lembro até hoje, vinha reclamar. Aí eu falei; "Olha gente é o seguinte, é assim, agora vai ser assim, Agora vocês estão reclamando de quê, vou botar aula a partir das sete ao meio dia, porque eu estudei, eu estudei Arquitetura no Fundão, no Rio de Janeiro, minha aula começava as sete da manhã, vocês não sabem o que é isso, vocês estão reclamando de barriga cheia. Aula de oito a uma, então ta, vou botar de sete a meio dia, ta bom?" "A não pode deixar de oito a uma." Porque você conhece o Fundão no Rio né?

[13:43] Eduardo: Conheci, conheci, eu lembro de lá.

[13:45] Marcos Olender: Fundão cara, eu tinha que sair de casa cinco e pouca da manhã pra ir pro Fundão, porque o Fundão é longe de tudo no Rio. É Jaqué, é na linha vermelha no Rio, né, é longe de tudo. Mas aí, eu to afluindo isso tudo porque? Porque essa questão institucional, né, e eu participei da formação de um curso, e é isso, né. Quer dizer tinha os colegiados, os colegiados tinham uma força depois os colegiados começaram a perder essa força, você não tinha um CONSU, você tinha o CEPE, que era o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ou seja, era um conselho. E que tinham assento todos os diretores de unidade e todos os coordenadores de curso. Então tudo se resolvia ali, você não tinha essa coisa de CONSU, Conselho de Ensino, Conselho de Pesquisa, você tinha um grande conselho. Eu acho que era mais efetivo, era mais eficaz, porque, a discussão ela não...

[14:46] Eduardo: Segmentava.

[14:47] Marcos Olender: Ela não segmentava. Você tinha aquela discussão, você pensava em academia como um todo, do ponto de vista tanto pedagógico, quanto administrativo, né. Então você tinha o CEPE, e que eu tinha assento do lado do diretor de unidade, né, mostrando a importância e inclusive valorizando o coordenador, porque o diretor de unidade, administrativamente, nas unidades eram mais importantes. Porque tinha o chefe de departamento né. Agora coordenador de curso é curso, a universidade são cursos. Então, era, era, coorde, eu dizia, eu dizia que era o segundo canal, na verdade era, na verdade num conselho como o CONSU é hoje, é a única pessoa que era superior a gente era o reitor e isso porque era presidente do conselho, como é hoje. Os superiores ao diretores não são os pró reitores é o reitor, porque o reitor é presidente do CONSU. Então eu dizia sempre isso, entre pares eu tinha o mesmo poder que um diretor de unidade no ponto de vista político. Isso, e isso é academia. Na academia na verdade o fim é o curso, né, administração é o meio para se chegar ao fim que é o curso. Eu achava, eu achava o sistema mais interessante. Isso é uma outra questão institucional que eu não sei quando acabou. Se foi com a Margarida, ou se foi com o Henrique Duque né.

A questão também da, do enfraquecimento dos colegiados, eu também não sei quando é que acabou, né. Mas eu, eu também acho que foi, agora estão querendo núcleos estruturantes de não sei o que. Eu acho o colegiado e como o colegiado era formado porque depois veio uma outra estrutura de colegiado. Eu cheguei a convocar, a História tem colegiado eu convoquei uma vez, porque eu precisei pra ver um lance da Pedagogia. E que é... e que eu não queria tomar a decisão sozinho, claro. E era por área agora. Por área é o seguinte, você convoca o colegiado é formado por áreas da História, aí História Econômica, História... lá na Arquitetura, o colegiado é a disciplina de História e Teoria, a disciplina de Estruturas, né. Ou seja, eu acho por exemplo, que o departamento de História até hoje não tem representação no colegiado de Arquitetura. Porque se pensar tem História e Teoria, tem disciplinas que dadas pela História, mas que tem as disciplinas de Urbanismo, de Evolução, que eles chamam de Urbanismo que é dado pela Arquitetura. Então, o representante de História e Teoria é um professor do Departamento de Arquitetura, porque é uma área. Quando você tinha os departamentos representados, né, e que é uma outra questão que já falei aqui, numa outra parte da entrevista, que é uma questão que ajudava inclusive, uma questão que eu acho uma falha da

estrutura acadêmica, que é os departamentos que tem muito haver com os cursos, eles priorizam os cursos, eles não priorizam a fome, aquela, aquele, aquele local de saber, espaço de saber, né.

[17:38] Eduardo: O campo saber.

[17:39] Marcos Olender: O campo saber, o campo saber, né. Ele prioriza o curso. Aí não é uma crítica que eu faço ao meu Departamento de História. É a todos os departamentos de ciências exatas ou humanas da nossa universidade né. O Departamento de Matemática vai dar prioridade ao curso de Matemática, depois ou outros. Quer dizer, Matemática eu acho que é até um pouco diferente, porque tem muito cálculo pra Engenharia tem que dar prioridade pra Engenharia também. Mas Física, mesmo é assim. Física sempre foi assim.

[18:07] Eduardo: Química. Quer dizer a mesma coisa do Departamento de Matemática.

[18:12] Marcos Olender: Não, não, não e não pode ser. Se você pensa, se você pensa.

[18:16] Eduardo: É de pouco sentido ter os dois, né.

[18:17] Marcos Olender: A estrutura universidade, a universalidade interdisciplinar você pensa o que? Você pensa numa integração transdisciplinar e não inter, transdisciplinar. Em que você tem um trânsito em diversas disciplinas. Dessa maneira você não tem, não tem. E com o fim dos colegiados como eram perde mais ainda, né. Então você tinha aquele colegiado por departamento que era uma força, o coordenador tinha uma força até maior do que tem hoje. Hoje tem ainda, tem o CONGRAD que tem os coordenadores estão, mas não é junta com o CONSU, na época era uma coisa só. É... que mais institucionalmente a gente pode falar. Outra coisa que era curiosa, era uma burocracia eu acho que isso foi instinto mas de certa maneira foi, hoje se avaliasse isso, era bom voltar. Os chamados PITs. Eu não se você já ouviu falar disso. Todo departamento você tinha que preencher um plano de trabalho semestral o professor, né. Mesmo que ele fosse uma coisa formal quer dizer notar-se um tempo a mais eu confesso que eu estou ficando um pouco conservador neste ponto. É eu acho que tudo bem a gente tem que ter uma autonomia e tal, mas eu preenchendo o PIT eu assumi um certo compromisso naquele semestre, né. E eu preenchia aquilo com maior tranquilidade, né, eu sei que eu to aqui, né, então tem que ter tranquilidade. Mas eu sei por exemplo que tem professores de vários departamentos que nem moram na cidade, ou que moram fora e tem, e tem até lugar pra ficar aqui, mas o que que faz, fica aqui dois, três dias, a vida dele não é aqui, né. Quando você preenche o PIT de certa maneira você assume formalmente um compromisso mesmo que você não cumpra. Porque o PIT também não tem o poder de punir, mas você tem até o poder de querer legalmente acionar o cara e ver se ele ta cumprindo aquilo, mas não é nem nesse sentido, mas no sentido que pelo menos formalmente a pessoa coloca olha sabe eu me comprometi a cumprir isso, né, algum constrangimento cria. Então tem que ter uma formalidade. Hoje você não tem mais isso. Eu acho que alguns departamentos ainda seguem esses antigos, fazem seus planos departamentais e tal, alguns poucos. É uma form, buro, formalidade é. Mas eu acho que é uma formalidade interessante pra você mesmo refletir no caso da pessoa mesmo refletir o que pode cumprir né, e assumir um certo compromisso mesmo que seja no papel. Porque você sabe disso, você sabe disso e todos os cursos e a

História não foge disso, tem professores que, né, que não tem compromissos é..., que alguns tem mais compromissos que outros em relação ao curso.

[21:02] Eduardo: Sim, eu entendi.

[21:03] Marcos Olender: Né, é claro que não é levando que todos os professores moram fora, na universidade se tem outros exemplos de professores que continuam mantendo suas casas fora daqui, mas que passa a semana toda aqui, ou grande parte da semana se envolve não é problema. Mas é, você manter é uma possibilidade do cara também não fazer isso. Então eu acho que tem, é uma formalidade que eu acho, por exemplo é claro a GET eu sou contra, aquela história do Paulo Renato eu sou completamente contra da pontuação, aquela, você se lembra? Sou completamente contra, não é isso que eu sou favorável. Eu sou favorável a essa formalidade. Agora essa coisa da GET, de você na verdade ganhar o salário, mas não ganhar o salário inteiro se não cumprir uma pontuação, eu acho um absurdo, né. Eu acho até se você quiser criar uma, um bônus a mais se o cara cumpre. (vozes no fundo) O cara vai ganhar o salário dele, mais as horas extras, ainda vai ganhar um bônus, ótimo, agora ficar com um salário como o Paulo Renato fez, foi uma perversa, um salário fixo e uma parte que só, só, atinge o total se você atinge uma pontuação, isso é uma grande sacanagem, primeiro é uma grande sacanagem que você na verdade é uma redução de salário e segundo que é uma redução, é uma parte do salário como é bônus não incide reajuste. Então ele pode falar aumentei 30% do salário, aumentou porra nenhuma. Porque ele aumentou 30% de 20% do salário.

[22:26] Eduardo: De 20%?

[22:27] Marcos Olender: Porque os professores querem 30, eu dei 30. Não dava, por isso que uma das lutas dos professores até hoje que eu acho que tem sido, que o governo tem até cumprido, tem incorporado, é num é nem só na, é na, na, na, no aumento. A incorporação dessas gratificações, porque essas gratificações foram criadas num momento, numa questão perversa que era o momento do Paulo Renato lá, né. Mas então, essa questão lá da PIT era PIT acho que era Plano Interno de Trabalho é uma coisa assim que chamava na época eu acho que era PIT eu acho que era uma coisa legal, né, até pro departamento ter um planejamento semestral, né. Eu falei pra caramba, vamos lá. Mas isso são questões institucional que existiam e que eu penso que algumas dessas podia voltar. De alguma maneira.

[23:18] Eduardo: Sim, então, é... eu fiquei aqui pensando eu acho até que fugindo um pouco do roteiro, mas quando você entrou lá na Arquitetura, você falou lá do aquário. Eu fiquei pensando como é que era, como é que era assim, não existia um computador e os programas que existem hoje de coisa. E como é que isso foi incorporado ali com as dificuldades que existiam aos alunos ali.

[23:39] Marcos Olender: Tanto pra você ter uma idéia esse material quando eu assumi a coordenação já tinha sido comprado as pranchetas, comprado as pranchetas para mobiliar os ateliês. Não tinha os ateliês, mas as pranchetas estavam enfileiradas numa sala depósito. É, eram pranchetas com régua paralela. Todo aluno tinha sua prancheta com plástico e sua régua paralela. E, e eu não vejo e é outra coisa, muito curiosa, porque eu quando aluno, que eu fiz Arquitetura, eu tinha minha régua T, não tinha computador na época né. Então eu desenhava

sobre é papel manteiga, papel vegetal, (inaudível), lápis, né. A régua T você tinha que saber colocar a régua T, apontar o lápis. Depois, no começo a gente aprendia com o lápis pra saber dominar o lápis, depois a grande revolução né, não, já existia lapiseira nesta época, mas a grande revolução foi os professores permitirem que a gente usasse lapiseira, porque no primeiro ano, no Desenho Arquitetônico eles não permitiam que a gente usasse lapiseira, tinha que ser lápis apontado. Isso não foi há tanto tempo, isso foi a 20, não foi a tanto tempo assim, né. Já existia computador na época. Mas a gente não era, não era, a gente não tinha níquel. Quando eu comecei, quando eu comecei na (vozes no fundo), no mestrado ainda eram aqueles applezinhos e tinham televisãozinhas (vozes no fundo) é, no começo do mestrado ainda era aquilo que tinha, né. É um dos chamados microcomputadores lá, microcomputador caseiro, poucos tinham, eu tinha um amigo meu que tinha eu ficava lá na casa dele, tinha aquelas televisãozinha quatorze polegadas era preto né. O meu primeiro computador foi assim, eu fiz minha dissertação de mestrado eu não via na tela o que eu estava escrevendo, eu via, eu via na tela o que eu estava escrevendo, mais não saia como sai no papel. Eu botava assim: agora quero fazer a anotação em itálico com afastamento de quatro centímetros, tinha que botar uma chave e ii início de itálico depois botar outra chave qual afastamento e eu só via o resultado quando eu imprimia. Porque tudo aparecia na telinha preto, com i verdinho, com aquelas chavezinhas do comando, né. Na dissertação foi o meu primeiro computador. Porque que eu comprei, porque eu vi que tinha uma poupança que ia sair mais barato. Pra você ter uma idéia vamos dizer que foi mil, que eu gastei com ele o que seria 1200 reais hoje. Era 1200 cruzeiros, vamos dizer que foi 1200 reais vamos supor isso. Só em datilógrafa, porque eu comecei a fazer com datilógrafa porque você li, relia e ela tinha que refazer e tal. Como a minha dissertação teve quase quinhentas páginas. Eu ia gastar 2000 mil reais só com a versão final de datilógrafa. Então, com o computador eu economizei metade disso só na versão final. Não, sem contar as outras. Então eu botei isso no papel e falei: “putz”. Eu vou, eu fiz boa parte da dissertação foi no, na mão, escrevi na mão, caderno, mas isso. E aqui foi uma coisa interessante, quando eu vim pra cá, é claro, 92, 93 você já tinha microcomputador era “pxisteira” é você já via na tela, mas era uma coisa meio rudimentar ainda.

[26:52] Eduardo: Mas já existia sistema informatizado aqui na universidade já?

[26:55] Marcos Olender: Já, mas, era, era um, também com aquelas telas pretas, qual o nome daquele sistema? Tinha um nome era... não, tinha um nome era SAL, era SAL, o sigla da época. Que era terrível, era terrível, quando eu fui contratado era terrível, porque você é, é... teve um caso, um problema, por exemplo você comandava para colocar vaga, pra colocar o aluno, já tinha um número de vaga, e aí acusava que não tinha mais vaga, mas as vezes não acusava, então como você, eu tinha que controlar muito. Mas na Engenharia que era cem alunos por turma, o cara uma vez colocou duzentos, porque o secretário dele foi colocando e não acusou que não tinha mais vaga porque aparecia assim NF. Também tinha aqueles, era comando. E mesmo assim, mesmo já tendo um micro mais avan...

[27:50] Eduardo: Mais avançado.

[27:51] Marcos Olender: Mais avançadinho que você já via. Ahhh, mas os alunos, muitos não tinham microcomputador. Ainda, por mais que pudessem ter financeiramente, não tinham. E

aí você tinha a régua paralela, né, era régua paralela, era papel manteiga, era outro sistema. Hoje, nem isso tem mais, você vai na Arquitetura hoje.

[28:14] Carolina: Tem impressora 3D. Eu vi no MGTV hoje. (risos)

[28:17] Marcos Olender: A Arquitetura hoje tem uma impressora 3D. A Arquitetura comprou uma impressora 3D, né, pela universidade. Eu acho um máximo uma impressora 3D, eu quero ver...

[28:25] Eduardo: Eu queria ver uma impressora 3D.

[28:26] Marcos Olender: Vocês sabem o que faz uma impressora 3D? Ela faz objetos.

[28:33] Carolina: Uma mistura de plástico com alguma coisa, muito maneiro.

[28:34] Marcos Olender: Você pega o material, vamos supor, supor que aquele impressora só...

[28:36] Eduardo: Nossa, pra fazer maquete.

[28:37] Marcos Olender: Maquete agora só com impressora 3D. Não é ainda porque o aluno não tem isso em casa. Mas se for baratiando daqui uns 20 anos...

[28:45] Eduardo: É caro isso?

[28:46] Marcos Olender: É vamos dar um tempo. Daqui uns 20 anos, sei lá, dou 20, pode ser menos, o cara tem, tem um grupo de alunos, vai pro escritório que estagia, vai fazer maquete da disciplina igual faz no computador a maquete eletrônica, aperta o botão "zoom" já sai a maquete pra ele. Porque isso já é possível hoje. Hoje a gente produz as coisas na maquete 3D. E...

[29:11] Eduardo: Negócio grande né.

[29:12] Marcos Olender: É... eu não vi ainda não. A Mônica que me falou que eles tão lá, mas nem sabe como usar direito. Porque... mas é fantástico, você faz, você faz objeto. Você pode fazer uma, pode fazer um, um, uma peça de, de, de máquina, na maquete 3D.

[29:29] Eduardo: Gente do céu.

[29:30] Marcos Olender: Porque se a maquete, se a impressora 3D, se for uma impressora que processa plástico, papel, daqui a pouco madeira ou ferro.

[29:40] Eduardo: Ela dá tonalidade as coisas?

[29:41] Marcos Olender: É você faz uma cópia exata.

[29:42] Eduardo: Gente que legal.

[29:43] Marcos Olender: Vê na internet sobre a impressora 3D. Eu já vi coisas em maquete 3D que é fantástico, peça de máquina feita em maquete 3D. O cara não faz mais entorno não. O cara bota no computador a peça e a maquete 3D faz em ferro, a impressora 3D faz em ferro. É a impressora 3D imagina você coloca um tanto de plástico nela, "pum" sai a peça. Isso já

existe gente. Então a gente tá nessa época agora, acabou essa coisa de...agora é Autocad, eu não sei, eu confesso que até hoje eu não sei trabalhar com autocad.

[30:15] Eduardo: Ahh então é isso...

[30:16] Marcos Olender: Agora, todo aluno, pode perguntar todo aluno de Arquitetura hoje sabe.

[30:18] Eduardo: Todos tem que saber.

[30:19] Marcos Olender: Agora garanto que boa parte não tem a mesma

[30:22] Eduardo:Técnica

[30:23] Marcos Olender: De trabalhar com traço que eu tenho. Que é que nem bicicleta você não esquece.

[30:29] Eduardo: Esses avanços eles chegam, mas é preciso...

[30:31] Marcos Olender: É você não esquece. Eu me lembro uma vez, aí tá eu tô falando pra caramba, mas uma coisa eu não esqueço o que eu falo com meus alunos da Arquitetura, estudantes de Arquitetura. Desenho Arquitetônico 1 e 2 era aquela coisa meio era primeiro trabalho, era pegar um papel canson, você conhece o papel canson? Papel canson e o lápis HD. O lápis HD a ponta marca, né ele marca, mesmo que você apague, fica o traço no canson, porque o canson ele, como é que é eu falo do filme Narradores de Javé, que o traço fique incorporado no papel, é aqueles (inaudível) falando do traço. Então o primeiro trabalho era é fazer, eram quatro quadrados você tinha que hachurar assim, hachurar assim, quadricular de um em um, ficar uma coisa certa, tudo a lápis no papel canson. As notas em dez eram dois, três, a sorte é que eram dez trabalhos por semestre e o cara descartava dois. E dava oito só, oito nota né. A média né, porque senão todo mundo era reprovado. O primeiro e o segundo trabalho eram descartados no final, porque o pessoal tirava dois, três, um, (risos) era o cara falava não você tem que rodar o lápis, que a ponta tem que se desgastar inteira, não pode pesar muito aqui tem que pesar ali. Essas coisas, quero ver quem sabe fazer isso hoje. (risos)

[31:58] Carolina: Ninguém

[31:59] Marcos Olender: Ninguém sabe. Mas é isso. O pessoal aqui ainda não pegou, mas pegou papel manteiga e até hoje trabalha. E pegou a prancheta é claro, nessa época tem uma coisa que é curiosa também. Na verdade já aqui na minha época, já tinha régua T, mas tinha muito croqui, né. E aqui cada vez mais, porque tem que ser a régua T e não a paralela. Paralela a gente tinha em casa, porque o arquiteto também trabalha muito com croqui, e com essas coisas. E aqui o pessoal ficava muito preocupado porque era na faculdade de Engenharia. O pessoal ficava fazendo técnica né. O ideal é a partir de um certo PA, certo projeto você ter grandes mesas, porque são trabalhos em grupo, pra pessoa ficar desenhando ali, e depois sim, ele vai pra sua pranchetinha, e vai né, com o tempo a gente foi incorporando isso grande prancheta, a gente comprou pranchetas maiores, e tal. Mas é isso, mas isso tudo que a gente, que a gente...

[32:58] Eduardo: As tecnologias vão alterando...

[32:59] Marcos Olender: É faz tempo já, eu já to na universidade, quanto tempo, 92, 93..

[33:05] Eduardo: 20.

[32:06] Marcos Olender: É 20 anos.

[32:07] Eduardo: 20 anos.

[32:08] Marcos Olender: Que eu dou aula aqui. Ta completando agora, eu não sei se foi 2 de janeiro ou 2 de fevereiro

[33:13] Eduardo: 2 de fevereiro.

[33:14] Marcos Olender: É, eu não sei, se foi dia 2 de fevereiro, é dia de Iemanjá.

[33:15] Eduardo: 2 de fevereiro é meu aniversário.

[33:17] Marcos Olender: Seu aniversário, é dia de Iemanjá. Se foi 2 de janeiro, 2 de fevereiro tenho que relembrar isso, tem que ver isso. É só ver no meu, no meu, na, na... mas eu acho que foi 2 de janeiro., acho que foi 2 de janeiro.

[33:26] Eduardo: É...o Olender...

[33:27] Marcos Olender: Fala.

[33:28] Eduardo: É eu tava pensando, esses vinte anos que você está na faculdade, o que que você pensa de quando você entrou pra lecionar e tudo, até no departamento, mas assim, na questão da metodologia de ensino. Se você acha que você teve alguma alteração nesse meio tempo e se na própria forma de você dar aula?

[33:47] Marcos Olender: Sim. É claro que empiricamente a gente vai aprendendo. Eu entrei totalmente cru, e a gente vai aprendendo a dominar o palco né, que é, que é o, que é o magistério. É o palco ali, você faz o personagem e vai, você domina quer dizer, é claro que eu sei que eu tenho uma maneira de dar aula, que é diferente de outras pessoas, com outra didática, com outra né, mas são coisas que a gente vai construindo no cotidiano, empiricamente. A nossa geração pelo menos, eu acho que isso até hoje de certa forma, né. O professor universitário, diferente do professor de ensino médio e fundamental, ele não tem, eu por exemplo não tive, talvez você professor de História, universitário teve. Aula de Didática na Pedagogia e tal. Eu não tive, eu sou arquiteto. É eu não tive nada, então ,eu fui bem empiricamente mesmo. Fui aprendendo empiricamente, fui assistindo aulas de outros também, e né, a gente vai empiricamente aprendendo as coisas, eu não sei se a minha aula por exemplo é muito, produtiva ou não, ou é, se foi empiricamente mesmo, foi tentativa, erro. Aí você vai agradando ou não, você vê que a turma reconhece, cê vê aí você vai somando e vai vendo. E tem coisas que eu tenho até hoje e talvez eu falo certas coisas, eu, eu vejo esses professores que monitores ajudam até a corrigir prova né, eu não ainda concentro muito isso na minha mão. É tem monitor que ajuda a fazer é a estrutura, me ajuda e tal, mas tem coisas que eu sou muito aquele cara que concentra algumas coisas. Então é... mas foi muito empírico mesmo. E comigo mais empiricamente, mais empírico ainda, porque eu venho de uma

formação completamente diferente, do que o historiador que é também aprende a ser professor, embora é claro, é uma disciplina, dizer que o cara aprende, teoricamente...

[35:55] Carolina: Aprende entre aspas.

[35:36] Marcos Olender: Mas pro ensino médio e fundamental também. Não pra universidade também, né. Mas eu vim também com essa idéia, e isso é uma questão de sensibilidade minha e também do que eu tive de aula, né. E eu também fui aluno da História né. Eu fiz muitas disciplinas da graduação de História, mestrado em História, então isso também, vai assimilando empiricamente com o trato dos alunos, mas também a partir de um conhecimento anterior que é que, né, quem foram os professores que eu gostei, qual era forma deles, qual o estilo deles, né. Então também aprender com observação já que eu queria ser professor, era minha vocação, não queria trabalhar em escritório. Eu sabia isso desde a faculdade, eu sabia isso desde o mestrado mais ainda. É... eu fui prestando atenção também de como as pessoas ensinavam, o meu orientador. É eu digo assim, os meus defeitos são meus, mas muitas das minhas qualidades são do meu orientador do mestrado, do Venecão que me in, que soube me incentivar muito e tal. Então é... é isso. Essa coisa empírica mesmo.

[37:05] Eduardo: Agora nesse assunto sobre a sua trajetória na UFJF, eu queria saber se tem algum momento que você aponta como um momento assim de extrema dificuldade que a universidade passou, financeira, econômica...

[37:18] Marcos Olender: Foi esse, esse início, eu dirigindo o curso de Arquitetura, quando, logo que eu entrei (vozes ao fundo), 92, 93. Eu acho que foi que a situação da universidade melhora radicalmente já na, já com a Margarida, né, com, eu acho, eu acho assim estruturalmente a partir do René principalmente, que foi o primeiro reitor, na verdade ele com o Clivellari, né, a gente não pode falar do René sem falar do Clivellari, porque eles tinham mesmo a proposta de ser uma reitoria conjunta, e muitas vezes eu já vi o René, eu vi pessoalmente o René, quando era uma coisa que ele entendia que o Clivellari tinha mais discernimento daquela situação para resolver pela reitoria, ele se ausentava da sala por Clivellari assumir a reitoria. Porque na ausência do reitor, quem é responsável é o vice. Não viajava não, deixava lá "Não estou e decidam com Clivellari", porque ele está mais apto do que eu. É... entendeu, então ele assina, o compromisso é com ele. Então isso eu acho muito legal, é uma gestão que marcou muito nesse sentido, dessa parceria dos dois sabe, da forma mais informal que eles tinham, mais responsável, de, de, de gerir as coisas sabe, e tal. E a partir deles institucionalmente, eu entendo que houve um avanço na universidade. Agora institucionalmente e financeiramente já na época da Margarida e no final da gestão dela quando o Lula assumiu.

[38:54] Eduardo: Isso existe uma, uma ligação direta.

[38:55] Marcos Olender: Direta. Porque efeti, a gente sabe disso, todo mundo sabe, você pega um ônibus, um táxi, o motorista sabe, comenta com você, que desde que o Lula assumiu a universidade mudou inclusive fisicamente da água pro vinho. Realmente, o investimento que você teve financeiro nas universidades foi monstruoso. Quer dizer a partir do Lula, do Haddad, quer dizer, antes do Haddad, do Cristovão, depois com o Haddad, é... principalmente com o Haddad acho que o Cristovão pegou um começo e o... Então não se pode negar isso, que há realmente uma melhoria radical, quem conhece essa universidade antes disso, era uma

penúria. Eu digo assim, nem pó de café, nem papel higiênico. Parece sacanagem, mas é verdade, de economizar papel higiênico, até isso chegava alguns pontos, era uma penúria a universidade, não era. Ta, tinha no (inaudível) os professores se aposentavam você ficava sem saber quando ia ter concurso pra suprir aquela vaga de quem está se aposentando. Quando o governo ia liberar. Hoje, é praticamente automático, não tem essa coisa de ir pro cestão, esperar uma, se a secretaria decreta, Paulo, Paulo Renato pra poder liberar a vaga de Brasília, não tem mais isso. Na época do Fernando Henrique tinha isso, a vaga não era, até que você procurava um substituto no lugar, que é um absurdo porque substituto não tem, né, por mais vontade que ele tenha, não vai ser um professor igual ao efetivo. Ele estuda aqui, dá aula em vinte e tantos lugares, dá cinquenta disciplinas aqui, a gente como é que é substituto, né. Então o efetivo só vinha um ou dois, três, cinco anos depois, quando se viesse, se fosse oficialmente e voltasse pra cá. Era assim, um cestão geral. Foi assim que felizmente nós, nós da, nós né, que eu digo da época da Arquitetura conseguimos sete vagas. Se não a gente não conseguiria. Porque estava no cestão aí, houve uma liberação de Brasília pra atender os cursos em formação, opa. E por isso que os outros departamentos, diretorias caíram em cima da gente. Aí a gente teve que realmente dizer não ,porque se não o curso não acontece. Mas é isso, o momento é de radical transformação, que diria que em termo de gestão a partir do René, e a Margarida consolida isso, né, como uma reitora, como o René, mas consolida mais isso ainda, mais próxima, mais acadêmica mesmo, porque mais antigamente se você ver (inaudível). Até essa coisa da Margarida trazer pra cá a reitoria, tinha essa simbolicamente essa preocupação, reitoria era lá em baixo onde era o MAMM, na época do René ainda. Você queria ver o reitor ia no gabinete dele, o gabinete dele era na cidade, não era aqui em cima. Deu então, a partir do René começa a mudar isso, com a Margarida isso muda radicalmente, né, isso, isso consolida essa mudança de realmente trazer mais próxima. A Margarida continuava dando aula, você via ela, você pegou a Margarida aqui, não?

[42:08] Eduardo: Não.

[42:09] Marcos Olender: Não. A Margarida reitora você ela aqui dando aula no ICHL você cruzava com ela no corredor porque ela ia dar a aula dela.

[42:14] Eduardo: Humhum.

[42:15] Marcos Olender: Então isso é uma coisa muito legal. E ali você tinha a Cláudia como pró reitora de pesquisa, você tinha o pessoal, oi?

[42:22] Eduardo: Relações mais horizontais.

[42:23] Marcos Olender: Mais horizontais, né. Você uma coisa, uma preocupação maior com as atividades fins, que é o ensino, a pesquisa de extensão, mas quem, com os personagens fins. Mas quem são os personagens fins? São os professores e os alunos, né. Eu acho que aí começou, inclusive no segundo mandato da Margarida, que eu não tava aqui, eu tava no doutorado, mas que houve uma certa tensão com os funcionários né. Porque ela, pelo que eu ouço falar, ela começou realmente, ela é... a dar atenção aos professor/aluno e menos atenção aos funcionários.

[43:05] Eduardo: O que de certa forma criou uma tensão.

[43:06] Marcos Olender: Criou uma tensão. Tanto que o Henrique Duque foi eleito, eleição, primeira eleição dele concorrendo o Ignácio Delgado. O Ignácio se a eleição fosse só entre professores e alunos, o Ignácio era eleito. Porque ele teve maioria dos professores, maioria dos alunos. Só que a maioria absoluta dos funcionários foi pra ele e no, isso contrabalançou. Eu digo que o Henrique Duque foi eleito pela atividade meio, não pela atividade fim. Ele foi eleito pela primeira vez pelos funcionários. Que os professores e alunos elegeram os Ignácio. Nesse primeiro mandato dele, né, isso em, aqui em cima, é claro que a gente pode fazer depois as críticas as gestões e tal, mas é uma constatação, é uma constatação, né. Enquanto os professores e alunos ainda haviam e vinham o Ignácio como continuação da Margarida e entendiam isso como algo positivo independente do que seria bom ou não, né, né. Eles não conheciam o Henrique Duque, sabia que o Ignácio era candidato da Margarida, o Ignácio era a situação, né e queriam manter a situação pros funcionários majoritariamente não queriam e significava o que, que ela deu efetivamente muita atenção a quem ela tinha que dar realmente, mas com isso pode ter é.. dado um pouco menos de atenção a... né. Embora eu entendo o seguinte que quem manda na universidade é professor e aluno. Nessa ordem, né, aí desculpa, mas nessa ordem, mas é professor e aluno, né. Com todos o respeito aos funcionários, mas eles ajudam a manter o barco andando e são importante por isso. Mas quem tem que dar norte pro barco é professor e aluno, porque quem vive a academia é professor e aluno.

[44:47] Eduardo: Sim. Não existiria funcionário se...

[44:50] Tanto que a gente vê, né, que eu acho que a maioria dos pró reitores tem que ser professor não pode ser funcionário de carre., técnico administrativo. A maioria, a não ser uma pró reitoria ou outra, porque o cara que pensa academicamente a universidade.

[45:02] Eduardo: Sim, uma relação fechada.

[45:06] Marcos Olender: Aí eu coloco com todo respeito aos alunos, essa ordem professor/aluno, por um fato simples, né, é que nós é se o barco afundar, o mais prejudicado é o professor, porque ele vive disso. E nesse sentido, eu digo isso pros alunos tranquilamente, eu eu tenho uma visão de totalidade do curso que poucos alunos tem. Por um simples fato, eles ainda não cumpriram a totalidade do curso, então é nesse sentido que eu boto essa ordem. Não é uma questão de hierarquia de, de falta de democracia, mas é porque realmente eu tenho uma visão de totalidade de curso. To aqui há 20 anos, se isso aqui falhar to ferrado. Se isso falhar pra vocês, vocês podem ta ferrado também, mas vocês podem se transferir e acabar o diploma em outro lugar e eu to ferrado, porque minha, meu (inaudível é aqui. Quem pensa na estruturação do curso, o curso é dado a partir do que os professores estão dando, então o professor efetivamente tem uma visão de curso que o aluno não tem, nem pode ter pelo local que ele ta. É uma questão de local, soci, funcional mesmo, é uma coisa funcional. O local do aluno como ele vê o curso, ele ta imerso numa situação que ele ta em outra situação. É claro que este diálogo é fundamental porque ao ta na condição de aluno, ele também tem uma visão de um campo que o professor não tem. E muita coisa pode passar despercebido pelo professor é claro.

[46:31] Eduardo: Precisa de uma relação aluno/professor.

[46:32] Marcos Olender: Uma relação harmônica e democrática, só que nesse sentido. Agora, efetivamente o que eu faço, que é te ruma certa hierarquia é por causa disso. Isso, vocês mesmos sendo alunos, quando forem professores vocês vão entender isso. Mesmo sendo aluno vocês entendem isso.

[46:44] Eduardo: Também acho que é natural isso.

[46:45] Marcos Olender: Natural, não tem...

[46:46] Eduardo: Tem a experiência e a própria...

[46:47] Marcos Olender: Tem a visão do todo né.

[46:48] Eduardo: Visão do todo.

[46:49] Marcos Olender: A formação que você estão sofrendo, né. É claro que vocês também, não tudo bem, mas a formação, até pra esse diálogo que vocês querem ta acontecendo isso, se é que vocês querem ta acontecendo, não é assim que eu to vendo. Então esse diálogo é fundamental, só se constrói, mas quem é o diálogo principal? É entre professor e aluno. O funcionário ta aqui com todo respeito pra viabilizar a academia, né. Então quem tem que, quem é que dá o norte da academia? Somos nós ué, né, quem segura o leme? Eu e vocês. Eu (inaudível), nós e vocês. O funcionário ta ali pra botar lenha, ver se ta vazando alguma coisa, mas não pode dá um norte pra universidade. Imagina um reitor técnico administrativo, com todo respeito ao trabalho técnico administrativo, mas você que teria condição ter um reitor que fosse técnico administrativo, não teria.

[47:52] Eduardo: Muito distante da realidade. Mas Olender é... tendo em vista isso tudo assim, é...

[47:58] Marcos Olender: Eu falo pra caramba.

(vozes ao fundo)

[48:01] Carolina: É muito produtivo.

[48:02] Eduardo: Pensando assim já, sabendo que você já contou das dificuldades no começo de 90 e tudo, e você acha que assim o momento ápice da universidade qual seria? Aquele momento ápice assim da faculdade no sentido de institucional, de extensão, de melhoria?

[48:16] Marcos Olender: É o que eu te falo, que, que, que eu acho que é um processo, né, um processo e que, e que se inicia e começa com o René e se consolida com a Margarida, com a Margarida. Eu acho que esse processo que depois o Henrique Duque vem com uma casa ajeitada e com uma condição também né, de...

[48:34] Eduardo: O Reúne.

[48:35] Marcos Olender: Com o Reúne, o governo Lula, entendeu, que vai investir, vai dar uma radicalizada, um cenário favorável, né, sem tirar coisas positivas da gestão dele, né, e sem falar das coisas negativas, né, mas o.... é tem essa coisa, a gente tem que entender que a Margarida definitivamente defende pra... ela e o René, e depois ela principalmente foi um desbravador,

porque a Margarida conseguir fazer o que ela fez, num governo do Fernando Henrique e ser reeleita sem oposição (pausa). Isso, entendeu? Ela ficou quatro anos, se candidatou a reeleição, não teve nenhuma chapa concorrente, numa época em que a universidade ainda vivia um período complicado. Margarida assumiu quando você sabe?

[49:29] Eduardo: Não sei.

[49:31] Marcos Olender: Eu acho que o Lula, o Lula assume já está no final do mandato dela. Num é?

[49:35] Eduardo: 2006, né.

[49:42] Marcos Olender: Lula assume em 2006, num é isso? 2010, não.

[49:44] Eduardo: 2002.

[49:45] Marcos Olender: 2002.

[49:46] Eduardo: 2006 ele é reeleito.

[49:47] Marcos Olender: Ele é reeleito. Então, 2002. Qual foi a primeira eleição do Henrique Duque? Ele vai até 2014.

[49: 52] Eduardo: Eu acho que foi...

[49:54] Marcos Olender: 2010, 2006, né?

[49:56] Eduardo: Foi quando o Lula foi reeleito ela saiu.

[50:02] Marcos Olender: Ela saiu, então, no segundo mandato dela, ela pega o Lula.

[50:06] Eduardo: Ela pega o Lula. Ela pega a diversidade...

[50:07] Marcos Olender: . Então é por isso que eu to falando, ela é reeleita sem oposição vivendo praticamente o primeiro mandato todo com Fernando Henrique.

[50:16] Eduardo: Sem oposição?

[50:17] Marcos Olender: Isso assim, sem oposição, sem chapa concorrendo contra ela. Sem uma chapa concorrendo.

[50:21] Eduardo: Eu digo assim, pela oposição de pensamento tanto do, do governo, quanto das políticas.

[50:27] Marcos Olender: Não, é. Então é, não, há oposição com o governo federal. E ela consegue mesmo assim fazer uma administração que faz ela ser reeleita sem a coisa.

[50:40] Eduardo: Então, é isso, né. E aí, nesse tempo todo também, como é que você enxerga que a relação entre a universidade e a comunidade assim adjacente. Se existe uma interação se de alguma forma essa expansão das áreas de lazer é pra isso?

[50:55] Marcos Olender: é, eu vejo, não sei se é pra isso. Na verdade eu já peguei o governo, mais a gestão do René, mas a partir do René começa a esboçar e com a Margarida isso assume um papel fundamental que é a reconhecido até hoje pela pró reitoria de extensão. Isso eu sei porque a Marilene Sansão foi da época da Margarida foi da, da APES, voltou agora pra ajudar o Marcelo Dulce, fala isso, a Margarida bota a Sônia Hertz pra se eu não me engano pró reitora de extensão. Eu acho que na, tem, pode dizer com clareza, na época da Margarida é a época em que se consolida uma relação mais forte da, da, da comunidade, que depois, vai ampliar né, porque se tem uma pró reitoria de extensão. Essa pró reitoria vai depois ampliar de alguma maneira, mas a relação com a comunidade, é uma relação, é uma coisa que a universidade ta aprendendo a pouco tempo, se a gente pensar que é na Margarida que, que a Sônia Raquete assume a pró reitoria de extensão, e que é nessa época que efetivamente se inicia mais os projetos de extensão, né, essa bolsa de extensão. Acho até que essa bolsa de extensão começa aí também, não tenho certeza. Você podia ver isso, vocês podiam ver isso, na, na, no coisa, né, quando começam as bolsas de extensão. É... é um período começa efetivamente o que chama a atenção, a questão da, da relação com a comunidade. E isso é claro depois se estende Henrique Duque depois o Romário assume e a maneira dele, ele tem também essa preocupação, eu, eu, eu, eu conversei, eu tive algumas conversas com o Romário, comecei a ter projeto de extensão também nessa época. Comecei a ter uma preo, preo, preocupação. Eu na época da Margarida já tinha projeto de extensão. É... Eu acho que eu era o professor.

[52:32] Eduardo: Um dos poucos que tinha da História.

[52:33] Marcos Olender: Da História eu acho que eu era o único, teve uma época que eu fui o único que tinha projeto.

[52:35] Eduardo: Eu acho que hoje você é.

[52:37] Marcos Olender: Eu acho que eu sou o único ainda. Sou o único que tem projeto de extensão. E a própria Carla fala isso, ela fala assim: "Marcos, você... isso é ótimo inclusive pontuação pra gente.", né. Eu não sei se a Cláudia está com projeto de extensão hoje.

[52:49] Carolina: Não.

[52:50] Eduardo: Acho que não.

[52:50] Marcos Olender: Não né, sou só eu né.

[52:52] Eduardo: Isso é...

[52:53] Marcos Olender: A Maraliz não tem projeto de extensão. Ela faz alguma coisa com o museu.

[52:54] Eduardo: Com o museu, eu acho que não tem caráter de pesquisa, mas de treinamento profissional.

[53:01] Marcos Olender: Ou é pesquisa, mas que acaba também sendo extensão.

[53:04] Eduardo: De certa forma é.

[53:05] Marcos Olender: De certa forma é, porque o trabalho com o museu que é importante e tal. Mas eu acho que projeto de extensão, só eu até hoje. Sou o único que tive e continuo tendo. E eu, eu tinha alguns projetos de extensão, projetos assim de extensão com a comunidade próxima daqui. Eu tinha um projeto de, que eu fui coordenador de arquitetura de revitalização de habitações populares. Com projeto piloto na Rua do Boto lá no Linhares, que eu era coordenador. Depois tinha um projeto que eu assumi a coordenação no início, era um dos coordenadores, aqui na Perapora, na rua Perapora, no Dom Bosco, que é aqui na, né, e que era um projeto de extensão que eu era coordenador que era de revitalização estética da habitação, que na verdade era uma projeto de revitalização estética, um projeto que eu gosto muito que era uma idéia original de uma antiga professora, que era professora substituta do ICE na época, hoje do IAD, que é uma artista plástica que era do Desenho Artístico da Arquitetura, Raquel Falcão. Você conhece a Raquel?

[54:03] Eduardo: Não.

[54:04] Marcos Olender: Raquel Falcão que é irmã do Marcos Falcão que você deve, não sei se conhece, que toca com a Fernanda K hoje. Que é um guitarrista, tinha uma banda chamada Inverso. Então, é irmã dele. Que é artista plástica super boa artista plástica, que hoje ta em Ouro Preto. E que era um projeto que a gente trabalhava técnicas tradicionais nas faixadas das casas. Porque a gente entendia que a gente não interferia dentro da casa, isso questão de intimidade do cara, mas a gente levava na porta da casa dele as técnicas tradicionais para que ele pudesse ter auto-suficiência de intervir de forma mais econômica na casa dele e segundo, aprender uma técnica diferenciada para se quiser usar isso no mercado de trabalho pudesse usar. Ele aprendia a pintar com cal, a textura né, e...

[54:54] Eduardo: E aí vocês iam lá...

[54:55] Marcos Olender: E aí a gente ia na comunidade e a gente viu coisas fantásticas. A gente realmente pessoas que, que a partir da (inaudível) começaram a articular mais, começaram a se articular mais socialmente, politicamente, e começaram a ter mais amor próprio. O que ajuda a pessoa a se valorizar e até lutar pelas coisas né.

[55:12] Eduardo: A se valorizar...

[55:15] Marcos Olender: Num é questão de querer ser, era era um projeto, era um serviço que a gente,mas a gente queria, tanto que o projeto foi premiado. Foi premiado pelo, pelo Banco do Brasil, como um dos vinte projetos nacionais de tecnologia social. E saiu uma matéria que eu me orgulho muito. Quer dizer, nessa época eu já tava um pouco afastado, eu tava indo acho que pro doutorado nessa época, mas é que eu me orgulho muito, uma matéria na **UMA** revista de Arquitetura que o título é "Ensinando a pescar". Aquela história né, num, é um projeto que dava a arma pro, pro cara, pro cara fazer o, né. Não é um projeto assistencialista, né. E o título eu achei fantástico. E, e, e a matéria saiu depois da premiação. Que depois seguiu produzindo outros trabalhos né, pelo, pelo Banco do Brasil até no PERMEAR a gente tem um diplominha até hoje na parede. Mas neste projeto o que que é interessante, que que eu to falando que ele é um projeto de extensão, que acontecia aqui, que acontecia aqui, e... mais isso um dia se quiserem eu falo desse projeto que é uma experiência fantástica. Tem umas coisas dolorosas

também, como por exemplo, como a gente botava a mão na massa e ensinava cal, eu, o que eu inalei de cal também na hora o saco furava a gente ajudava, a gente trabalhava duro. Foi duro.

[56:30] Eduardo: Foi um experiência bem legal.

[56:32] Marcos Olender: Uma experiência bem (risos). Consegui, você conhece a rua do Boto, do Linhares? Não sei como é que ta lá hoje.

[56:37] Eduardo: Rua do Boto?

[56:38] Marcos Olender: Rua do Boto, depois do presídio ainda.

[56:40] Eduardo: Tem o presídio, a escola, o presídio...

[45:43] Marcos Olender: Mais a frente ainda. No alto aqui deste lado. Eu sei chegar lá, não sei o número não. E... o que eu consegui de bicho de pé, uma enormidade. O que tinha de bicho de pé lá. Eu e o Allan a gente ia, porque a gente sabia, eu ia de sapato, meia, calça né, calça jeans fechada e tal. Cara, eu abria o pé e tava cheio de bicho de pé, Mas sorte que a gente ia vestido, né. A gente via menininho e tal, com bicho de pé e não era só no pé.

[57:17] Eduardo: Pé, mão...

[57:18] Marcos Olender: Na virilha...

[57:20] Eduardo: Na virilha... nossa que tristeza.

[57:22] Marcos Olender: Tendo que ir pra Santa Casa, pro hospital. Aí complicava mais. Mas isso são, mas isso é trabalhar na comunidade e que foi viabilizado pela, pela universidade. A partir é...

[57:33] Eduardo: Pela universidade... do René. (fala junto com o Olender)

[57:35] Marcos Olender: René, mais Margarida, mais Margarida.

[57:39] Eduardo: Então uma relação que ainda está crescendo na faculdade, hoje está crescendo cada vez mais.

[57:42] Marcos Olender: Por exemplo, eu estou falando isso do Romário, ele tinha uma coisa que ele falava, que ele tinha razão, né, que era que, por exemplo, hoje você tem a CAPES, né, que é de ensino e pesquisa, você tem CNPQ que entidade fomentadora de estudo de extensão tem no Brasil? Não tem.

[58:02] Eduardo: não existe explicitamente.

[58:03] Marcos Olender: Não existe, né.

[58:02] Eduardo: Não existe como dessas outras.

[58:03] Marcos Olender: Aí você busca recurso, a FAPEMIG hoje, tem dois projetos de extensão, já, né, FAPEMIG. Agora, o MEC tem. Mas não tem uma entidade do MEC, como a CAPES. É o MEC que agora tem eu acho um setor de extensão, o proext a gente conseguiu

pelo MEC. A nível nacional com Lula, a extensão começa a ser mais enfatizada, então, mais falta isso. Agora eu sei que projeto de extensão lá, eles pontuam também, mas tem muito tempo que não pontuou. Então o professor queria só pesquisa, não queria fazer extensão, se extensão não pontuava. Então, tem que ter um estímulo também pra extensão.

[58:41] Eduardo: O trabalho de extensão é como você disse exige uma dedicação, uma troca ali, parece que muitos não estão interessados.

[58:49] Marcos Olender: Interessados. Porque também é fácil você pegar a academia e se fechar na academia e... e... e pronto.

[58:58] Eduardo: É muito dessa infelicidade que eu vi você falando...(interrupção do Marcos Olender)

[59:02] Marcos Olender: E na História, os professores da História acho que não, mas a História o pessoal ainda não tá, eu acho que é mais isso, porque você vê muito professor da História envolvido politicamente, envolvido, né, até pela História mesmo. Mas até pela História, Ciências Exatas e Humanas, Ciências mais coisa, você vê também, se o cara quer se dedicar a ser um erudito, ser um bom professor até, quer, quer, quem, é importante até ter, ter, ter esses quadros, mas pra ser isso ele consegue passar trinta, quarenta anos, só pesquisando, produzindo, publicando e dando aula sem nenhum contato com a comunidade.

[59:33] Eduardo: Isso é muito exato. Isso, isso de certa forma é um problema.

[59:39] Marcos Olender: É, né. Eu acho que particularmente a minha área, isso é favorece o meu comportamento como optei por patrimônio, porque eu acho que no patrimônio é impossível isso, né. Uma área de repente uma História Econômica do Império...

[59:55] Eduardo: Os documentos.

[59:56] Marcos Olender: Você pode se você for um obcecado pro aquilo, não quer dizer que você não seja um putro de um historiador, depois que produz a coisa e que vão formar pessoas de forma muito valiosa, mas se você quiser passar quarenta anos só você passa. Agora na área de patrimônio como é que eu posso ser um bom professor de patrimônio se eu não estiver envolvido com o cotidiano da luta da preservação, eu não consigo, não dá pra ser. Então, já é uma área que exige que você tenha uma conexão com o cotidiano forte. Existem áreas, arquitetura em si, já é uma área assim também é impossível ser um bom professor de Arquitetura é que tem, eu sou contra o professor que, eu acho até que tem que ter o professor chamado de prancheteiro que é o cara que tem escritório e dá aula aqui. Não to falando que isso tem que ser maioria porque isso não tem que ser. Eu acho que tem que ser o acadêmico mesmo. Mas tem que ser um acadêmico que tem um discernimento do que se tá produzindo da dificuldade que está se produzindo lá fora. Ora, né. Na Arquitetura isso é mais fácil. Talvez como eu sou arquiteto de formação de graduação, eu tenho essa sensibilidade se talvez você for um historiador, um matemático, não quer dizer que você não tenha, que você não possa ter sensibilidade, mas é mais fácil não precisar ter. É mais fácil não precisar não ter. Não to falando que as pessoas não tenham, tem muitos que ao contrário. Porque se o cara é historiador, então da né...

[01:01:15] Eduardo: São formas diferentes.

[01:01:16] Marcos Olender: São formas diferentes, mas o cara sendo historiador e não ter. Pode ser matemático, um físico e não ter.

[01:01:22] Eduardo: Porque é interessante na extensão porque ela reduz um pouco essa esse distanciamento que tem.

[01:01:28] Marcos Olender: A extensão provoca, o.... a.... essa conexão com o cotidiano que é fundamental também pra produção do saber, sem você, eu não to falando que eu vou ser, ta lá não, eu to aqui, eu sei que eu to aqui, mas eu sei que com a conexão de lá eu vou ter uma produção do saber que vai ter esse feedback o tempo todo. Que vai né, só existe o crescimento social, o crescimento político, hoje em dia, com a presença da universidade desse saber que a gente... o local da produção do saber é a universidade. É o lugar privilegiado pra você de produção o saber ou de processamento de produção de saber. Por exemplo um cara na gestão pública ele produz, ele ta produzindo na experiência do cotidiano dele na gestão pública. Mas ele não tem nem tempo de processar o que ela ta produzindo. A universidade processa isso. Né o cara no cotidiano né, o cara que é operário né, ele ta produzindo saber.

[01:02:23] Eduardo: Não ta se pensando.

[01:02:24] Marcos Olender: Não ta se pensando. Que hoje tem a universidade do ABC você tem, você cria...oi?

[01:02:27] Eduardo: Do operário do ABC?

[01:02:30] Marcos Olender: Não tem a universidade, tem umas universidades, agora populares e tal. Com escolas e populares e tal. O lugar de produção de saber é a academia. É claro que temos que reformular a academia, mas é um local de produção de saber, né, ou de processamento de saber produzido no dia a dia do trabalho, né, o que a gente tem que fazer é a conexão o tempo todo. Pelo menos eu penso assim eu acho que é...

[01:03:57] Eduardo: (inaudível) Eu entendo um pouco dessa linha de relação de universidade e comunidade. Assim que você pensasse a universidade e a cidade assim.

[01:03:01] Marcos Olender: Sim.

[01:03:02] Eduardo: É porque é uma coisa assim.

[01:03:03] Marcos Olender: Eu acho assim, aí tem um outro problema da universidade/cidade e da universidade/comunidade. E eu acho que começa na universidade. Eu acho que o problema começa dentro da universidade. A universidade tem uma prefeitura, que é, que é a na verdade, que hoje não se chama mais prefeitura. Antigamente chamava prefeitura do campus, o que é hoje a Pró-reitoria de logística, não é isso? De estrutura e logística. Na minha época, quando eu entrei aqui era o prefeito do campus, era o prefeitinho do campus. A gente falava: "vamos lá no fulano", era o prefeito do campus. Hoje é o pró reitor, né. Mas é o prefeito do campus, é o cara que administra o campus. O que fiscaliza a obra, que faz, né, ta. Pois bem, putz a gente ta numa universidade. Qual é a relação efetiva da prefeitura do campus ou pró reitoria tal com a universidade? Praticamente nenhuma. Por exemplo, hoje na

universidade você deixa por exemplo, construir um prédio como o ICE, como o novo, que é uma ruído na própria formação de assentamento da universidade. Quando se deixou construir o prédio do ICE, a Arquitetura foi consultada? Né, tipo no caso da Arquitetura, quando as coisas acontece, mas é claro que que acontece, as universidades é tão criando unidades de projeto de extensão. Por exemplo, a Engenharia da criando o projeto e aí claro, ta mobilizando a universidade, de reaproveitamento de resíduos sólidos, por exemplo, mas agora, a pró reitoria, a prefeitura do campus, essa pró reitoria, ela e seus funcionários conhecem os projetos de extensão e pesquisa da universidade, o dialogam, dialogam com as unidades da universidade, dialogam com os projetos de pesquisa e extensão tão pensando, a realidade da cidade e da universidade não dialogam. O pessoal da Arquitetura pode dar um exemplo, né. A Faculdade de Arquitetura nunca foi acionada ou não costuma ser acionada pra discutir alguma coisa da ocupação do campus. Diz que tem um plano diretor, mas eu nunca vi plano diretor novo, né. E a gente ta discutindo que cidade de Juiz de Fora tem o plano diretor ultrapassado, e a nossa universidade onde a gente ta situado não tem um plano diretor de crescimento. O que que tem que investir? Tem que investir mais em obra? É. Tem que investir mais em infra estrutura? Eu tava falando hoje com o Paulo Fraga, o coordenador do CPS, de indignação a gente tem uma universidade, por exemplo, que ta investindo em obra, mas que não investe na infra estrutura de informática. Numa universidade como a nossa que a cada semestre, duas a três semanas, você não consegue acessar direito o Siga, por causa de matrícula e não resolveu isso até hoje. Uma universidade que eu tive que, que eu fui prejudicado no projeto do proext de extensão porque não conseguia usar a internet aqui e eu pedi, e eu pedi, o prazo pra ano que vem, eu tava na universidade, que eu quase perdi o prazo da renovação do projeto de pesquisa. Porque eu tava em casa e o Siga não estava entrando, no último dia, nos dois dias anteriores, nos três dias anteriores, não estava se acessando fora da universidade e não tinha como eu vir aqui, porque eu tava viajando, porque eu só fui salvo porque eu tive acesso com a pró reitora de pesquisa. E ela resolveu o problema aqui pra mim. E aqueles que não tiveram, tivessem esse acesso perderam o projeto de pesquisa. Isso é plano diretor cara, o que crescer, como crescer, o que que tem que ser atendido, até que infra estrutura. Isso é plano diretor, eu quero que me mostre aonde ta esse plano diretor da universidade e a gente ta aqui na universidade, na História, na Sociologia, na Arquitetura, falando mal, falando que a cidade de Juiz de Fora não tem planejamento.

[01:01:54] Eduardo: É um desafio, né. É conhecimento, por exemplo, Arquitetura lá, acredito que tem um monte de gente fazendo os projetos maneiríssimos lá, e interessantes sobre a própria faculdade só que eles não são acionados pra pensar a própria faculdade.

[01:07:04] Marcos Olender: A própria universidade, a própria universidade.

[01:07:10] Eduardo: A universidade produz o conhecimento, mas não consegue transformar ele dentro dela mesmo. Que saco, né, esteriorizar isso.

[01:07:15] Marcos Olender: Eu fiz, eu fiz uma palestra na no 50 anos do curso, eu fiz uma palestra da universidade ano passado, eu fiz uma palestra sobre o espaço universitário. Fui convidado pela pró reitoria, pelo Magroni e eu fiz uma palestra pra falar sobre espaço universitário. E eu sai da palestra com metade dos pró reitores me cumprimentado e uma

parte dos pró reitores putos comigo. Porque eu falei exatamente essas coisas todas. E criou mó debate lá dentro, um monte de gente “ufa, vamos falar então”. Entendeu? (risos).

[01:07:43] Eduardo: Mas é que os estudantes também tinham que estar um pouco...

[01:07:45] Marcos Olender: Tinha. Porque eles vivem, o cotidiano quem vive é o...

[01:07:49] Eduardo: Porque... eles estão sofrendo com isso. Eles estão sofrendo as vezes com a infra estrutura um pouco problemática que não tinha essa infra estrutura.

[01:07:54] Marcos Olender: E são coisas que se você tiver um plano diretor, tiver um planejamento são fáceis de, vocês tem graduações pra resolver. Colocar uma iluminação na escadaria ali, se você, isso é plano de mobilidade urbana. Ainda eu to criticando que a cidade tem um plano de transito que é um horror de mobilidade urbana e a nossa universidade não tem acesso pros lugares da universidade, gente. Eu fico até constrangido, eu fico envergonhado cara, porque eu vou, o cara, o prefeito pode chegar pra mim amanhã “po, olha a tua casa primeiro cara”, pode. Não vai ter razão, mas vai ter uma certa razão. “Você não consegue nem na sua casa você quer mandar aqui”. Olha essa questão de mobilidade aqui dentro, se eu fosse reitor já tinha mandado fechar essas iguaretas aqui pra forçar a cidade a ter, a tomar vergonha na cara.

[01:08:43] Eduardo: O anel viário?

[01:08:45] Marcos Olender: O anel viário. Só entra aqui aluno, funcionário...

[01:08:49] Eduardo: Ta uma proposta, né?

[02:08:50] Marcos Olender: Ta uma proposta a partir das onze da noite, por questão de segurança né. Mas, eu acho que não, que tinha que ser, tinha que ser um dia assim, tipo assim, é por dois dias na semana, aí já avisava todo mundo: “ó nem tentem”, porque por dois dias ninguém passa na universidade. Vamos ver o que acontece.

[01:09:12] Eduardo: Ia ser meio caótico.

[01:09:13] Marcos Olender: Ó a UFMG, o pessoal não passa no campus pra ir de um lugar pra outro, e o campus é na Pampulha ali. O campus não é passagem. E aí fica isso, de repente você vai almoçar, vai jantar no Ru, vai pra aula depois...

[01:09:29] Eduardo: Você pega um percurso.

[01:09:30] Marcos Olender: Você consegue chegar que horas aqui?

[01:09:33] Eduardo: Você perde muito tempo.

[01:09:34] Marcos Olender: O ônibus vem do Ru aí entra aqui pega o engarrafamento, o que vai pra São Pedro e isso é recente cara deve ter dois anos no máximo essa.

[01:09:42] Eduardo: Acho que isso tem um ano.

[01:09:44] Marcos Olender: Porque não era assim.

[01:09:44] Eduardo: Não era assim.

[01:09:45] Marcos Olender: Eu nunca vi isso aqui na universidade. E aquele lance, você vai almoçar, vai jantar que horas no Ru se tiver aula a noite. Então é aquele negócio que você estava falando você vive aqui, o aluno vive aqui, o professor vive aqui, ele que sofre, ele que sofre. Então, eu acho que falta, eu acho que a universidade não tem, ela não consegue é... criar um mecanismo de se pensar. De se pensar..., de se pensar. Como ela quer crescer? E aí como ela quer crescer fisicamente, como ela quer crescer..., entendeu, eu não to falando. E aí você tem várias iniciativas ótimas, que acontecem com é... com a dinâmica, pode ser com o pró reitor, diretor a, diretor b, mas ainda não tem uma estrutura de se pensar. Tanto que você tem até disputa entre pró reitorias, você não tem uma estrutura de se pensar, então tinha que ter realmente isso. Tinha que ter uma estrutura, um plano, tinha que parar a universidade. A Margarida fez isso, de certa forma, foi a Margarida, foi na Margarida, eu me lembro, se não me falha, é tanto tempo, que tem o fator de esquecimento, a gente vai esquecendo aos poucos. Eu me lembro de da gente se ficar um dia inteiro no Seminário do Santo Antônio, pro ICHL, cada unidade era um método que estava muito em moda na época, era um método ZOP, vocês já ouviu falar disso? Você pega assim os objetivos é... é... obstáculos, vai listando tudo né, e tem umas falhas nesse método, mas na época era um método participativo do ZOP pelos menos pra pensar cada unidade, pensar universidade. Eu acho que tinha que fazer isso de novo. Tinha que fazer, tinha que fechar uma imersão, fechar uma... uma... sei lá, uma semana...

[01:11:19] Eduardo: De interação.

[01:11:20] Marcos Olender: De interação na universidade, se pensar o que que ta pegando...

[01:11:36] Eduardo: Isso é fundamental.

[01:11:37] Marcos Olender: Fundamental. Botar o técnico.

[01:11:40] Eduardo: Eu acho que qualquer coisa que se quer funcionar te que ter uma...

[01:11:42] Marcos Olender: Botar o técnico administrativo e o cara da infra estrutura com professor e aluno, entendeu? Pra todos pensarem. Não existe isso na universidade. Acho que tinha que ter um semana cara. Ah não é perder tempo é ganhar tempo. É uma semana a menos de aula, mas é um avanço enorme no futuro, mas fala, vamos lá. A gente ta falando de...

[01:12:05] Eduardo: Tem mais algumas perguntas aqui Olender.

[01:12:08] Marcos Olender: Ta até com medo de fazer cada pergunta eu levo uma meia hora pra responder.

[01:12:12] Eduardo: Não, eu não sei, mas é... tipo eu queria entender pra com você, a idéia de duas coisas assim: Reúne esse processo do Reúne que teve que é uma você coisa também que você também já falou de alguma forma assim...

[01:12:25] Marcos Olender: Eu, eu confesso, eu não tenho nenhuma com isso. Eu sou favorável ao Reúne, fui favorável ao Reúne no departamento, mas ao mesmo tempo é

endosse a postura do departamento e aí todos endossaram e aqueles que eram favoráveis e aqueles que eram contra o Reúne que era a forma como a nossa, a nossa universidade tava entrando no Reúne né. Que entrou, foi uma das primeiras a entrar, né, num sopetão. Né, o meio assim passou um trator. Aí a forma como a nossa universidade entrou é responsável por algumas seqüelas que a gente teve com o Reúne. Eu confesso eu apesar de cri, tenho críticas, tenho críticas a questões do Reúne, mas eu entendo que o Reúne é não pode ser contra o Reúne aí eu pego um discurso até do Ignácio na época que eu me lembro muito bem, que o Reúne no seu bojo ele defenda tudo aquilo que a gente tinha como bandeira que era ampliar o número de vagas de aluno, ampliar o quadro de professores, fortalecer a universidade. Então, as bandeiras que nortearam o Reúne eram as nossas bandeiras. Houve erros de rotas, mas aconteceram, mas boa parte desses erros de rotas talvez não tivessem na proposta original do Reúne, mas tivessem como as universidades responderam a proposta do Reúne. É aquela o governo assinou a auditoria agora, direto, e não pensaram vamos esperar mais um ano de sacrifício, não vamos ter esse dinheiro agora, mas vamos construir melhor o Reúne na nossa universidade, né. Porque...

[01:13:56] Eduardo: É um pacote.

[01:13:57] Marcos Olender: É um pacote. Porque algumas coisas do Reúne são muito interessantes. Primeiro é a possibilidade da ampliação do número de de de inserção de alunos na universidade, segundo o Reúne também pensa na questão da evasão. A verba que é destinada tem haver também com a diminuição de taxa de evasão, de evasão da universidade com o aumento de ampliação de carga horária, de vagas da relação professor/ aluno. Que aí fica assim aumentou colocou um pra dezoito, gente aqui na História se eu tivesse uma turma pra dezoito eu tava feliz da vida, cara. Mesmo que, (inaudível) quando o pessoal começou a falar que era contra. Eu falei: “mas gente, contra o quê? Contra um pra dezoito? Eu tenho um pra cinqüenta.” Como eu vou ser contra um pra dezoito. Quem vai ser contra isso é a Física que tem um pra cinco entendeu? Algumas turmas. Eu tenho um pra dezoito. Então, é claro né, isso são coisas que a gente pode até discutir, que a gente pode também generalizar, tem, tem disciplina que são diferente, tudo bem. Mas, é, é, é várias coisas ali são bandeiras nossas. A outra questão que era muito interessante do Reúne, é que o dinheiro não vinha depois, o Paulo Renato tentou fazer alguma coisa, tipo não tipo Reúne, mas vim ver alguma coisa de incentivo ao crescimento da universidade, mas era assim, vocês se comprometem. Se vocês cumprirem daqui a um ano eu dou o dinheiro. É assim que o Paulo Renato agia. O Reúne faz o contrário. Você se comprometeu, né, então agora eu dou pra que até o fim do ano você cumprir. Se você, né... Então, tem coisas, eu acho, não to defendendo, mas tem coisas positivas no Reúne. E aí a universidade cresceu com o Reúne, né. Num acho ruim, sei que tem muita gente aí professor e aluno que era contra o Reúne, ta achando que o Reúne. Mas eu não acho não, eu particularmente acho que tem coisa muito positiva com o Reúne.

[01:15:46] Eduardo: Tem coisas também vão se acertando de acordo...

[01:15:47] Marcos Olender: Vão se acertando. Aí cabe, cabe a gente também como a gente entrou no Reúne com o bacharelado. O bacharelado não era uma obri...,por exemplo, a História entrou no Reúne, aumentou 25% das vagas, entrou no reúne.

[01:16:00] Eduardo: Só que não foi no bacharelado.

[01:16:01] Marcos Olender: Não entrou no bacharelado, mas não deixou de entrar no Reúne.

[01:16:04] Eduardo: E você acha que isso de certa forma foi positivo pra História ou não?

[01:16:07] Marcos Olender: Foi, foi. Eu acho que sim. Porque a gente ampliou o número de professores, a gente conseguiu dois ou três, são três professores via Reúne. Na verdade a gente é..., o único compromisso da gente nisso foi aumentar a nossa, nossa oferta de vagas e au, e também dispor de algumas disciplinas nesse bacharelado. A gente não, né.

[01:16:32] Eduardo: E os professores.

[01:16:32] Marcos Olender: E algumas disciplinas, tem que ofertar algumas disciplinas pro bacharelado. A História oferta algumas disciplinas. A Marina dava aula, o Carrara chegou dar aula na primeira que era Introdução a Humanidade. Era uma disciplina que ele dava um módulo por causa das Ciências Sociais dava outro, né. Agora é... associar o Reúne era um projeto muito mais aberto do que as pessoas associam ele. Muita gente associa o Reúne com a criação de bacharelados. O Reúne não obriga. A UFMG entrou no Reúne acho que sem criar bacharelado.

[01:17:05] Eduardo: Entendi.

[01:17:06] Marcos Olender: O bacharelado é proposta anterior ao reúne que foi assumida uma possibilidade pelo Reúne da UFBA da Federal da Bahia. Tanto que o reitor veio aqui uma vez. Veio falar sobre, veio dar uma palestra. Nei, Nei, Neimor um nome esquisito que era o reitor na época lá, que veio pra cá dar palestra. Foi modelo de lá, você não tem que botar o mesmo modelo cara, né. Sabe como são as coisas eu quero dinheiro o que eu faço pra aparecer o filho mais, mais obediente, ah vou fazer tudo o que o Reúne usa de experiência. Não to falando que foi assim aqui. Mas alguns momentos pode ter sido, né. Mas não precisava a UFMG entrar sem criar bacharelado nenhum, se eu não me engano, né. Entrou no Reúne. Então a forma de entrar no Reúne, o Reúne tinha umas diretrizes bases a serem cumpridas.

[01:17:56] Eduardo: Não diz especificamente a criação do bacharelado.

[01:17:58] Marcos Olender: Não é o modelo didático da base, isso é uma coisa do Reúne.

[01:18:00] Eduardo: Há discussões?

[01:18:01] Marcos Olender: É claro que há discussões. Segue setores equivalentes é uma idéia legal não é que vem no bojo do Reúne, não só, mas que vem no bojo. Eu acho que há discussões sim a serem feitas no reúne, não estou falando que o Reúne é uma maravilha de outro mundo. Mas ele é uma proposta interessante. Que nem um proposta, que eu continuo achando interessante, e eu acho mesmo que a nossa universidade cresceu muito com o Reúne. E... eu vou mais longe, e nós conseguimos hoje o nosso mestrado e doutorado, o semestre, o ano passado, todos os mestrandos tiveram bolsas e todos doutorandos. Eram, porque bolsas Reúne.

[01:18:33] Carolina: É os tutores.

[01:18:33] Marcos Olender: E... tutores, vocês tiveram tutores, eu tenho uma parte, em Patrimônio I, eu tenho um monitor e um tutor cara na disciplina cara, né. É claro que como eu me concentro muito nas coisas, mas eu to aprendendo a... lidar com tutor a delegar um pouco de poder, do que eles podem fazer e tal. Mas tudo tutor que é um professor é o Yussef aqui do LAPA que é professor no Vianna Júnior e que é professor, mestre é meu tutor em patrimônio cara, dá pra reclamar. Agora já to, Yussef da aquela aula pra mim. Oi?

[01:19:06] Eduardo: O Yussef deu uma aula pra você?

[01:19:08] Marcos Olender: Deu, deu uma aula pra mim em tópico, uma aula em patrimônio. Sei gente, olha era minha disciplina hoje tem praticamente dois professores.

[01:19:16] Eduardo: Isso é legal.

[01:19:17] Marcos Olender: Isso quem, quem, a quem eu devo isso? Ao Reúne. Porque ele tem uma bolsa Reúne então ele é obrigado a ser tutor, né.

[01:19:25] Eduardo: Entendi.

[01:19:26] Marcos Olender: Mas não é, aquele lance alguns usam isso pra ser um professor meia boca como substituto. Entendeu, pra suprir. Não é o caso. Ele é um tutor, ele ajuda o professor, mas é putz, olha que legal.

[01:19:36] Eduardo: É não tem como se aproveitar disso.

[01:19:37] Marcos Olender: Tenho aproveitado.

[01:19:40] Eduardo: Sim ,sim. E eu vi a respeito também, só pra aproveitar esse negócio do Reúne que muitos alunos que entraram nessas condições que a gente as vezes despreparado, socioeconômico, culturalmente também tem mostrado um desempenho superior as pessoas que estão entrando assim...

[01:19:55] Marcos Olender: É que nem é o Reúne, é um discussão paralela. É a questão das cotas. É que são as cotas.

[01:19:58] Eduardo: Mas assim é a questão das cotas, mas que tem haver com essa situação de entrada de pessoas.

[01:20:02] Marcos Olender: Que eu sou favorável, né, sou favorável as cotas. Eu, eu vejo muita gente até de esquerda dizendo contra as cotas. Já, já, tem gente do PSB, por exemplo, que rejeita, o movimento negro do PSC contra as cotas, né, mas eu sou a favor das cotas porque eu acho que enquanto política afirmativa não encontro política pra durar 50 anos. Mas política pra durar pra, pra, pra inserção social, pra como é, a cota é prevista pra dez anos, alguma coisa assim, né. Eu, eu sou favorável as cotas, porque eu entendo como você falou, é eu tenho muito aluno cotista que entra com cota racial, cota social que que pode realmente no primeiro período, no começo ter uma dificuldade. Pelo menos na minha época o cara vem de escola pública, até o cota racial na verdade você conhece bem, o cota racial no Brasil, né, ainda vem da escravidão, a maioria é a gente pode dizer que uma coisa se confunde no Brasil com a

outra, né. Quem é o pobre? É o negro? É público? Então se confunde. Na verdade são duas portas

[01:21:22] Eduardo: Do mesmo lado

[01:21:23] Marcos Olender: Que são muito parecidas, o que não deixa de ser bom. É mais porcentagem desse povo e que vai poder cursar a universidade. É claro que tem gente que se, o que que a imprensa conservadora diria, mas pega os aproveitadores, vai ter. Vai ter os aproveitadores mas não vai pegar no geral. Aí pega a imprensa: “o cara é negro, mas é rico e passou por cima”. Né. Isso é um...

[01:21:36] Eduardo: É uma exceção.

[01:21:37] Marcos Olender: Um em cem mil, duzentos mil. Agora a cota tem essa função e eu vejo, eu tenho careza enquanto coordenador inclusive de curso de História que eu fui. É de ver muitos alunos e de professor também, mesmo professor de segundo período q vê muito aluno a gente sabe que entrou em cota que se esforça mais que os outros...

[01:22:01] Eduardo: Justamente pra área acadêmica...

[01:22:02] Marcos Olender: Porque valoriza mais a oportunidade que teve, né, e... você falou. A estatística já mostra que no final do curso muitas vezes tem um ira maior do que aquele que entrou fora da cota.

[01:22:14] Eduardo: Outro dia eu li uma reportagem, foi a Faculdade de Brasília que foi a primeira adotar isso. Que o ira é superior

[01:22:19] Que fala isso que as vezes o ira é superior, porque o cara, o cara correu atrás. Putz eu tenho dificuldade de escrever, eu vou fazer uma disciplina lá no Português, vou, vou caçar livro e tal, porque eu quero não passar vergonha também, e quero aproveitar esse momento também. Tem coisa, vou correr atrás de suprir essa dificuldade. E eu vejo muito, eu tenho clareza disso. Eu sei que tenho muitos alunos que são de cotas e que putz são, são alunos. Eu falo isso muito, eu tenho famílias, vejo família, as vezes a família fala: “po essa coisa de cotas, que não sei oque, e isso”. Eu falo gente olha, né, vocês estão muito enganados porque cota efetivamente o cara corre atrás. O cara corre atrás e sai melhor do que o outro, do que o outro, porque aproveita a oportunidade, né.

[01:23:04] Eduardo: Eu tenho mais algumas três ou quatro perguntas pro senhor Olender, vou adiantar.

[01:23:07] Marcos Olender: É né, a hora já está adiantada, mas vou, eu respondo rápido, o que que é?

[01:23:12] Eduardo: Você acha que dá tempo, é, então são perguntas é mais pra fechar mesmo. É só pra fechar essa questão dos órgãos de incentivo a pesquisa e extensão, qual é sua relação com eles? Como você enxerga alguns problemas, alguma coisa interessante e tal.

[01:23:29] Marcos Olender: É em relação a pesquisa a nossa universidade já tem uma pesquisa estruturada, uma, uma, uma pesquisa estruturada a gente sabe disso. Agente tem uma

experiência de pesquisa eu digo estruturada. Tem muita coisa pra fazer pela frente? Tem, mesmo na pesquisa né. Tem que a pesquisa, a pós graduação, tão crescendo, tão se desenvolvendo, né. Eu não to entrando aqui, eu não vou entrar aqui em questões específicas de A ou B, porque eu acho que nem tem tempo pra isso, mas eu entendo que a pesquisa é uma área que você olha e que você ver que tem uma estrutura que funciona. A extensão não. A extensão a gente ta aprendendo a fazer ainda, né. Como eu te falei é muito recente historicamente na universidade. O lado ruim é que muita coisa tentativa e erro. O lado bom é que com isso você, todos aqueles que nessa universidade corre atrás de um projeto de extensão, tem muito mais facilidade, facilidade de viabilizar esse projeto. Porque, porque? Vamos dizer assim a concorrência é menor nesse sentido, o melhor, o espaço vige. Não é que como esse seja menor, não é só isso. É que o espaço é muita coisa pra se fazer ainda. Então, o acesso por exemplo hoje, é você ter o contato cotidiano com o pró reitor de extensão por exemplo. É mais tranquilo do que ter com a pró reitora de pesquisa. Não porque a pró reitoria de pesquisa ela é menos, ela é menos acessível pessoalmente que o pró reitor de extensão ou é emitida. Não é nada disso. Mas é porque ela tem que atender a demanda dela de questões é muito maior que o cara da extensão. Ao mesmo tempo você tem conselho de que que funciona que se une e tem o conselho de extensão que ta sendo formado, né. Então a extensão ta se pensando ainda e aí vai, volta. Não pensa que vai se estruturar, mas já está se pensando. Você senta pra discutir você fala putz ta nesse pé ainda. Né. Não tem nem isso ainda estruturado né, porque, por isso, porque eu acho que a nível de Brasil, a preocupação com a extensão é muito recente. A nível de, muito se falavam de tripé, ensino, pesquisa e extensão.

[01:25:47] Eduardo: Mas pouco se fazia extensão.

[01:25:48] Marcos Olender: Pouco se fazia extensão. Então na universidade, então uma qualidade que com isso você tenha mais facilidade. Pra você ter uma ideia, vou dar um exemplo claro. Nós mandamos um projeto de extensão, abriu uma segunda chamada de projeto de extensão, meses depois. A gente não mandou, tem um projeto do acervo do Pantaleone que eu não mandei a tempo. Aí eu até virei pro Rafael, e falei Rafael Bertante sossega que vai ter uma terceira, vai ter uma terceira chamada de projeto de extensão. Vê se é assim em projeto de pesquisa do Bic. (vozes no fundo) Foi e nem chora porque não tem mais nenhum minuto a mais. Isso porque já ta consolidado cara, já tem uma... O projeto de extensão não ta.

[01:26:29] Eduardo: E... o projeto de extensão parece que, eu tenho percebido que tem recebido cada vez mais um interesse maior da universidade.

[01:26:26] Marcos Olender: É, e isso nesse ponto...

[01:26:37] Eduardo: Justamente pra completar essa defasagem que existe.

[01:26:39] Marcos Olender: O Marcelo até por ser da área de Sociologia, eu acho que ele tem uma clareza disso, o que que ele faz, ele chama a... por mais que tenha muita tentativa/erro ainda. A Mariane Sansão, por exemplo, que ta assessorando ela foi assessorou a Sônia Raquete, na época da Margarida. Ele chama ela, porque vê que na época da Margarida foi conduzido, precisamos consolidar isso. Preciso de uma figura pra me ajudar a pensar. Aí

chamam a mulher, entendeu?É... ao mesmo tempo ele tem o discurso a gente ta querendo uma escola de governo, que a preocupação de fazer, porque ele tem uma clareza isso eu acho legal na clareza, porque a extensão entrou pra universidade pela prestação de serviço, se entendia como prestação de serviço. Extensão não é prestação de serviço, você pode até prestar serviço, mas extensão é uma parceria que você faz com a comunidade pra instruir e instrumentalizar a comunidade com as instituições. É isso que é extensão, né. E... o Marcelo, até essa clareza o Marcelo tem, pelo menos ele esse discurso bem, bem estruturado. Ele fala que ele não ta preocupado, que faz assim a prefeitura vem fala que quer fazer um plano de transporte contrata a universidade, porque a universidade o professor oferece esse serviço e é mais barato contratar uma empresa. Ele falou não, não é isso que a universidade tem que fazer. Se ele procura a gente é pra gente instrumentalizar a prefeitura pra, pra, pra conseguir gerir o seu transporte. Então é esse o papel da universidade a parceria, não é prestar um serviço. Prestar serviço o escritório presta, quer dizer, mas se você for ver a extensão da universidade muito, muito da extensão ainda, não dos projetos novos, mas dos projetos até que são prestações de serviço. É... então eu acho que a extensão tem esse problema. Mas eu acho que a já pesquisa ta consolidada, precisa avançar muito? Precisa. A nossa universidade hoje não é uma universidade de ponta. Não é uma universidade, por mais que se tenha o discurso, né, é a quinta de não sei o que, a sétima. Não é, tem muito gargalo pra se resolver. E não, e não é questão física é física em termos a questão da informática. Mas é questão acadêmica que tem que ser resolvida. Tem muita coisa, muita. Tem que se pensar academicamente isso, uma política acadêmica, mas a pesquisa ta estruturada, a pós graduação ta estruturada. A pós graduação, putz hoje na época do René quantos cursos de doutorado a gente tinha, de mestrado você contava nos dedos de uma mão quantos cursos de mestrado você tinha na época do René. Quantos cursos você tem hoje? Na época em que o René começou com a Margarida explodiu, né. Aí depois continuou crescendo isso é o que? Uma política de pós graduação, política de pós graduação. Ta fraco ainda, mas tem uma estrutura muito melhor, você vê lá na pesquisa da Historia da Universidade, do quantitativo do que você tinha de mestrado e doutorado tinha um ou dois há uns dez, quinze anos atrás. Dez, dez anos atrás eu acho que tinham pouquíssimos doutorados aqui. Dez anos, vinte anos atrás mestrado e doutorado você contava três ou quatro, sei lá. Né, ou seja, já está estruturado a política de pós graduação. A política, você pode criticando ou não, a constatação aqui, da pós graduação. E que se a gestão no momento é mais forte ou mais fraca por já existir, né. Esses, essas pós já empurram isso. Você assume um pró reitor que seja mais fraco, pode até piorar a gestão. Vamos supor que assume um pró reitor fraco, vai piorar a gestão em termos, porque como já existe uma cultura, que vai empurrar o pró reitor. Vai falar:"Po aí..." vai ter uma pressão. Existe um caldo aí. Na extensão ta começando a ter, não tem. Na pesquisa, na pós graduação já tem um caldo aí. Já tem um pessoal que vai cobrar, né.

[01:30:50] Eduardo: No restante são duas perguntas finais mesmo, assim pra fechar...

[01:30:53] Marcos Olender: Aqueles acabou a entrevista (risos). Eu pensei que ia ter uma terceira. Eu pensei não, eu não queria ter a terceira não. (risos) Eu pensei que eu não ia conseguir falar em duas.

[01:31:04] Eduardo: É bom. É... na verdade são perguntas finais mesmo. A primeira uma pergunta mais geral assim: Qual é o papel da ciência na sociedade pra você? O dever do

professor na sociedade? E... finalizando essa questão da universidade todo esse processo que ela teve de vida nesses cinqüenta anos, cinqüenta e um já, como você vislumbra a universidade daqui a cinqüenta anos por exemplo?

[01:31:27] Marcos Olender: É eu, eu acho o seguinte eu diria que o papel da ciência, o papel do intelectual que é aquilo que a gente vê no segundo que eu vou passar, que eu passei pro povo, né, você não vem no grupo de estudo, que é o texto do Foucault, "Território e poder", você leu?

[01:31:41] Eduardo: Não

[01:31:42] Marcos Olender: Que é o segundo texto que eu passei foi "Território e poder", o Foucault coloca uma visão do intelectual que é muito a minha visão que a gente pode entender pra ciência. Na verdade é... a sociedade hoje já sabe que o intelectual ele fala assim que o intelectual até algumas décadas atrás se fala em setenta, oitenta pra você que não é tão recente assim o texto. Era aquele que achava que falava por todos. Era a vanguarda. Era conceito de vanguarda. O intelectual aprendeu que ele não fala por todos porque os sociais começaram a ter força e as pessoas a entenderem né, e a defender e conquistar o seu espaço na população local. O intelectual perdeu a função, não perdeu. O intelectual é o cartógrafo, o mapeador. Ele do seu local, que é o local da produção do saber, da produção intelectual, ele pode ajudar as pessoas a mapearem as questões, a mapearem o seu próprio local. Ele pode contribuir com isso. Não é falar pelos outros, mas é como os outros vão mapear a situação desse outros com os quais ele ta entregado, né. É um desenvolvimento intelectual orgânico de certa maneira não deixa de ser. Mas é... uma outra questão, não é o cara que fala pelo outro. Ele é o cara que fala com o outro e ajuda o outro a ter designamento da situação e do espaço em que ele está vivendo. Esse papel da ciência idem. E a ciência Lea é algo também isso. Igual eu entendo, produção científica é uma produção que, que tem que acontecer com essa relação cotidiana do real, com o social, né, é claro, a Vanda estava dando uma entrevista hoje pra TV educativa sobre as expressões populares, ela falava assim: O provérbio é o que a academia chama de teoria. Não to falando é claro na academia, num laboratório nas condições ideais você da saltos, num é só observação, a gente sabe que teoria hoje é outra coisa. O Einstein, a física nos ajudou a entender isso. A teoria é outra coisa que não só a observação do cotidiano, rasa do cotidiano. Mas é também uma, uma observação e é um instrumento que, que, que cabe ao cientista como cabe ao intelectual a democratização desse instrumento e sem nenhuma preocupação que ele vai perder a função dele, não vai. A democratização do instrumento é só pra as pessoas terem discernimento de que instrumento ou de qual intelectual elas podem acionar no momento em que elas precisam. Você é historiador, o cara é operário, você ta fazendo a história do movimento dele, com ele, ele ta participando e ele ta vendo que ele pode ter discernimento disso. Mas ele, a profissão dele é operário, ele vai continuar né, quando ele precisar de uma ajuda, provavelmente ele vai te chamar como historiador porque a sua profissão é historiador.

[01:34:35] Eduardo: A democratização seria uma, uma maior, uma facilidade desse acesso de diferentes formas de saber, de conhecimento né, as informações mais acessíveis para todos.

[01:34:45] Marcos Olender: Pra todos e... as formas e aqueles detentores do saber.

[01:34:49] Eduardo: Detentores que se tornam mais acessíveis.

[01:34:51] Marcos Olender: Mais acessíveis também pra trabalhar com todos. É essa a questão porque no texto que você leu do Valborda que ele fala que de um certo momento os intelectuais da história falam vou virar camponês, né. E deram... não cara, você continua intelectual. (vozes no fundo) É eu vou virar camponês agora eu sou... Ele falou gente que absurdo você é um intelectual.

[01:35:14] Eduardo: Você não pode se confundir né. Com o meio do que você estuda. Sempre manter a sua posição.

[01:35:19] Marcos Olender: Não pode se confundir. Mas aí você tá fazendo o contrário, né. Ao mesmo tempo em que você está fazendo o papel de intelectual. É... subestimava o o outro que não era intelectual, agora você está fazendo contrário, ou seja, você está superestimando o outro e se subestimando.

[01:35:34] Eduardo: Tem que haver um equilíbrio.

[01:35:35] Marcos Olender: Não, a coisa é idêntica. Quer dizer, não mudou a relação, só mudou o local da relação. Mudar a relação é quebrar... quebrar esse juízo de valor que um é inferior ao outro. É... a relação entendeu? Eu acho, mas é isso, ciência e quê mais.

[01:35:53] Eduardo: É professor e ciência. Tá um pouco no intelectual.

[01:35:55] Marcos Olender: Mas é isso, professor é idem.

[01:35:57] Eduardo: E agora essa perguntinha..

[01:35:59] Marcos Olender: Dos cinquenta anos?

[01:36:00] Eduardo: Como vislumbra, alguma coisa?

[01:36:01] Marcos Olender: Se a universidade aprender a se pensar, primeiro lugar, né, daqui a cinquenta anos vai ser uma maravilha a integração com a sociedade. Se a universidade continuar não se aprendendo a se pensar, ela vai continuar tendo iniciativas fantásticas com a sociedade de integração com a sociedade, cada vez mais fantásticas e tal as iniciativas pontuais, ou assistencialistas, ou pontuais democráticas. Ah, o que eu vejo hoje, eu vejo que a universidade corre o risco de passar mais cinquenta anos a gente pensando "po olha que projetão, boa, aquele pró reitor conseguiu fazer um projeto fantástico com a comunidade do Dom Bosco, com a cidade, com né. Mas aquele pró reitor, aquele projeto.

[01:36:47] Eduardo: Não existe um projeto.

[01:36:48] Marcos Olender: Não existe um planejamento, né. Vai existir? Vai, eu tava até falando agora, até elogiando, o Marcelo tá tendo a intenção dele de escola de governo e tal. Mas eu acho que é isso, uma intenção é ótima, agora vamos estruturar isso, se estruturar tudo bem. Porque o... a estrutura que é importante, né, estruturar as coisas e se pensar. Eu conheci mais, eu não sei, eu me surpreendo a cada dia com a iniciativa, eu conheço projeto fantasma na universidade, que eu conheço assim, o cara tá a dez anos com o projeto e eu não conheço o projeto. Aí de repente eu conheço," putz o cara tá a dez anos que projeto legal", é um projeto

que leva o nome da universidade, mas é um projeto da universidade? A universidade encorpou aquele projeto? Ou a iniciativa é do professor que... que ta fazendo aquilo porque é legal, putz do aula na universidade. Eu falo assim “é o melhor emprego do mundo pra mim dar aula na universidade”. O cara... eu to aqui, to numa sa, num preciso pagar aluguel numa sala dessa, pra me hospedar. Então o que que tem que fazer projeto que me reverte financiamento. Claro, a gente da duro, a gente pena, rala pra caramba. Mas já pensou se tivesse que pagar aluguel de uma sala. Oi?

[01:38:01] Eduardo: O professor vive a...

[01:38:03] Marcos Olender: Eu tenho condição de ter um endereço de trabalho, e condições, eu batalhei por isso, são precárias ainda, mas tem condições, são incorporadas ao meu trabalho, né. Que eu posso batalhar por mais, mas eu tenho condições por batalhar. Se eu me mobilizar e tal. E fazer esses projetos cara, eu, eu, eu, eu fico, é... eu fico, eu ainda falo uma de Nilton Santos “eu ainda recebo pra isso”. É claro tem que receber bem.(risos) To brincando. Nilton Santos que falava isso. Ele jogava bola, recebeu o primeiro salário: “Você ainda recebe isso pra jogar bola?” Né, né. Ele falava isso. Eu adoro isso aqui. Agora, pó, mas, o que que adianta eu ta aqui, né, vai ser legal de repente eu vou me aposentar daqui vinte, trinta anos. Eu vou falar: “Putz eu tive uma vida legal”. Ta mas, qual foi a minha contribuição, poderia ser muito maior, se eu tivesse uma integração maior, planejasse todo mundo, conhecesse todo mundo, fizesse parceria, trabalhasse conjuntamente, soubesse.... De repente eu to fazendo uma coisa aqui, que o cara ta fazendo lá. E to perdendo o meu tempo, invés de ta crescendo mais, fazendo um projeto maior, pra mais gente. Então, isso é o que? É a universidade a se pensar. E talvez se a universidade se pensar nesse caminho daqui a cinqüenta anos ta fantástica, se não for, daqui a cinqüenta anos ta mais evoluída que hoje mais ainda daqui a cinqüenta anos vai ta o professor e o aluno dando entrevista falando a mesma coisa:”A universidade não se pensa, eu não conheço o projeto”. É isso aí.

[01:39:38] Eduardo: Olender é essa a iniciativa, eu queria te agradecer

[01:39:40] Marcos Olender: Eu to aqui preocupado com você. Você tem aula agora?

[01:39:42] Eduardo: Não, eu só tenho que entregar um último relatoriozinho.